

REVISTA MODERNA

Magazine Brasileiro

Director : M. Botelho

Revista Moderna

Publicação Quinzenal Ilustrada

Artes e Letras

Summario:

VALENTIM MAGALHÃES

M. Botelho

A GUERRA HISPANO-AMERICANA

L. S.

BRAZILEIROS ILLUSTRES

XX

A ESTATUA

Justino de Montalvão

A VIDA INTIMA DO KHEDIVA

BRAZIL E PORTUGAL

NOS « SALONS » DE 1898

Domingos Guimarães

DUAS ARTISTAS

★★

OS REIS DA BAVIERA

Mario Toledo

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

EÇA DE QUEIROZ

SPORT

OS TRES GRANDES PREMIOS

S. Marcello

NOTICIARIO ILLUSTRADO

PAGINA COMICA

ETC.



Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA.

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

FRANÇA

PORTUGAL

e outros paizes da União Postal.

Um anno.	50\$000	Um anno	40 francos	Um anno	10\$000
6 mezes.	30\$000	6 mezes.	24 »	6 mezes.	5\$500
Numero avulso.	2\$500	Numero avulso.	2 »	Numero avulso.	500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

AGENTES NO BRAZIL

Rio de Janeiro.	A. LAVIGNASSE FILHO E C ^{ia} , Rua dos Ourives, n ^o 7.	Campinas.	LIVRARIA ALFREDO GENOUX.
Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande.	CARLOS PINTO E C ^{ia} .	Tanbaté.	LIVRARIA PENNA.
São Paulo.	CH. HILDEBRAND E C ^{ia} , CASA GARRAUX.	Juiz de Fora e Minas- Geraes.	CAPITÃO AVELINO LISBOA.
Santos.	F. MATTOS ET C ^{ia} , Rua 15 de Novembro.	Pernambuco.	LAEMMERT E C ^{ia} .
		Ceará.	J. J. DE OLIVEIRA E C ^{ia} .
		Pará.	J. B. DOS SANTOS E C ^{ia} .

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Portugal

PARIZ : Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde e Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens
LONDRES : Arsenio Pinto Leite e C^{ia}, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A Revista Moderna — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.
A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

Avisamos os nossos Leitores que foi completamente supprimida a Agencia e Deposito da "REVISTA MODERNA" na Librairie Nouvelle, boulevard des Italiens. Serão de hoje em diante os nossos Agentes e Depositarios em Pariz as importantes Casas E. Flammarion et A. Vaillant, 12, boulevard des Italiens e Galerie de l'Odéon, 1-9 e 12-18, e P. Boulinier, 19, boulevard Saint-Michel.

10 de Julho de 1898

ASSIGNATURAS

BRAZIL

Anno 50\$000
6 mezes 30\$000
Numero avulso 2\$500

UNIÃO POSTAL

Anno 40 francs
6 mezes 24 —
Numero avulso 2 —

PORTUGAL

Anno 10\$000
6 mezes 5\$000
Numero avulso 500

A Revista Moderna na Hespanha

Mais uma vez agradecemos sinceramente á grande imprensa Madrilena a bella e unanime manifestação de sympathias e os tão lisongeiros artigos consagrados á *Revista Moderna* e ao seu Director.

A nossa posição perante os grandes desastres que acabrunham esse tam nobre paiz continua a ser a mesma; e até o derradeiro momento, esperaremos que um povo capaz de uma sublime epopéa como é a defesa de Santiago, obtenha, como um sagrado e legitimo direito, uma parcella de reconhecimento por parte d'aquelles que n'uma tranquilla expectativa, consentem essa abominavel e hedionda carnificina.

Já é mais que tempo de pôr-se um termo a essa bárbara invasão da America que amanhã, embriagada pelas suas victorias, ameaçará conquistar o mundo; e nós outros, americanos tambem, mas antes de tudo latinós, não estamos dispostos a adorar a aguia do capitolio e muito menos offerecer estrellas a bandeira do *oncle Sam*. Que os amigos dos Estados-Unidos exullem com mais essa grande victoria, estão no seu direito; mas devem fatalmente reconhecer que é bem mais bello, justo e nobre applaudir uma legitima defesa, sanctificada pela heróicidade, do que um insolido ataque somente triumphante pela força e pelo dinheiro.

Abaixo damos um elogioso artigo que o brilhante jornal madrileno *La Epocha* consagrou á nossa publicação.

REVISTA MODERNA

É este o titulo de uma revista brasileira, muito distincta, que se publica em Pariz, sob a direcção do notavel escriptor M. Botelho.

Desde a sua appareição, a *Revista Moderna* tem mostrado vivas sympathias pela Hespanha, e, declarada a guerra, fez votos fervorosos pelo triumpho das nossas armas, contra a aggressão inqualificavel de um povo sem consciencia.

No intuito de dar prova de seus generosos desejos, a direcção da revista decidiu dedicar um numero á Hespanha, destinando o seu producto á subscrição nacional.

Esse numero, que é verdadeiramente notavel, publicou-se ha dias e corresponde em tudo ao fim proposto.

Na 1ª pagina estampa os retratos de SS. MM. El-Rei D. Affonso XIII e da Rainha Regente, como homenagem da revista a tão augustas pessoas.

Contem mais, entre outros bons trabalhos, um magnifico artigo *A Hespanha*, de E. duardo Prado; *Em nome da Humanidade*, de M. Botelho; *Maria Christina*, de Mario Toledo; *A guerra Hispano-Americana*, chronica da campanha, com os retratos dos Sr. Sagasta, general Blanco e almirante Montojo, outros de generaes americanos e vistas de Cuba e Philippinas; *Sevilha e sevilhanas* (notas de viagem), por Miguel de Lencastre, com esplendidas illustrações.

Ainda no mesmo numero da revista, chamam a nossa attenção um retrato da *diva* Emma Calvé e um trecho de novella do notavel romancista Eça de Queiroz.

A revista acha-se á venda nas casas Fé e Bailly-Bailliére.

Quem a comprar estimará de certo conhecer uma publicação de tanto merito, e contribuirá, ao mesmo tempo, como já dissemos, ao augmento da subscrição nacional.

5 Julho 1898.

O PRESENTE NUMERO

Edgard Godefroy. — No paquete *Cordillere* sahido de Bordeaux a 1º de Julho partiu para o Brazil o nosso dedicado companheiro de trabalho o Dr. Edgard Godefroy.

O administrador e representante da *Revista Moderna* que um tão sympathico acolhimento teve na sua primeira viagem, dirige-se directamente para os Estados do Rio, S. Paulo e Minas, onde visitará os nossos amigos desenvolvendo tambem a propaganda da *Revista* que tanto successo alcançou no Brazil. O nosso representante visitará depois os Estados do Sul e do Norte levando plenos poderes para tratar com os nossos Agentes, organizar novas Agencias, fazendo conhecida a nossa publicação em muitas cidades e Estados que não foi possível ao Dr. Godefroy visitá-las na

sua primeira viagem por absoluta falta de tempo. Aos nossos distinctos collegas da Imprensa Brasileira e aos nossos bons amigos espalhados portoda a Republica agradecemos sinceramente e de antemão o bom acolhimento que estamos certos, saberão dispensar ao nosso Representante.

Domingos Guimaraes. — O nosso presado collaborador Sr. Domingos Guimarães foi ha dias atacado de um *appendicite* de caracter grave, e que o fez soffrer muito dolorosamente. Felizmente, podemos acompanhar esta noticia com a do quasi completo restabelecimento do nosso amigo, a quem desejamos uma facil convalescença.

O Presente e o Proximo numero da Revista

Continuando a galeria dos homens de letras do Brazil e Portugal a *Revista Moderna* consagra o presente numero ao seu distincto collaborador e brilhante escriptor brasileiro Valentim Magalhães. A nossa justa manifestação encontrará um echo bem sympathico nos dous paises que conhecem e apreciam sobejamente o festejado auctor da *Flór de Sangue*.

Neste numero apresenta tambem a *Revista* aos seus leitores mais um collaborador de primeira ordem, o auctor da *Estátua* que figura, no nosso summario. É esse trabalho como já dissemos uma bellissima narrativa, cheia de vigor e estylo firmado por Justino Montalvão um dos excellentes prosadores da lingua portuguesa.

Uma grande demora no recebimento de alguns documentos forçou-nos a transferir positivamente, para o proximo numero (nº 22) o apparecimento do nosso collaborador Dr. Eduardo Prado. Mas os nossos leitores só terão a ganhar com esse pequeno atraso; pois garantimos-lhes que será esse um das numeros mais interessantes e de maior successo da *Revista Moderna*.

As Capas da Revista. — Anunciamos aos nossos assignantes e leitores que já foram enviadas a todas as nossas agencias que fizeram pedidos as capas artisticamente ornamentadas, destinadas a colleção dos primeiros doze numeros da

Revista — Muito brevemente faremos seguir uma segunda remessa para a colleção do Nº 13 a 24.

Dr. Augusto Queiroz. — Acha-se entre nós ha alguns dias chegado o distincto brasileiro e paulista Dr. Augusto de Souza Queiroz, membro de uma das mais importantes e prestigiosa familia da capital de S. Paulo. S. S. depois de uma curta estada em Pariz partirá para a Allemanha onde vai demorar-se algum tempo em companhia dos seus filhos que ali acham-se educando. Desejamos ao nosso digno amigo uma feliz e divertida viagem.

Manuel da Rocha. — Com praser assignalamos a chegada em Pariz do nosso distincto collega, director da *Noticia* do Rio de Janeiro o Sr. Manuel Oliveira da Rocha, em companhia da sua Exª Senhora e dois filhinhos. O conhecido fonalista fluminense faz uma viagem de convalescença e nós sinceramente lha desejamos bem prompta e completa.

O NOVO CARTAZ da Revista. — Num dos principaes *ateliers* lithographicos de Pariz achase quasi em fins de execução, o novo cartaz-annuncio da *Revista* uma verdadeira maravilha de pintura assignada por um celebre artista, medalhado do Salon e Prix de Rome. — Correspondendo a justa fama que tem a *Revista Moderna* deser o magazine mais artistico e litterario da America do Sul, ella será muito brevemente annunciada por esse bellissimo e verdadeiro quadro digno de ser admirado pela fineza da execução e perfeição do desenho. Esse nosso annuncio é egundo á opinião de todos aquelles que o tem admirado no nosso escriptorio, destinado a um justo e grande successo no Brazil e Portugal.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

A Portugal. — No Centenario das Indias. — Magalhães de Azeredo acaba de nós enviar um bem impresso folheto sahido da typographia dos surdos-mudos de Genova.

É um bellissimo poema cantando os feitos e glorias de Por-

tugal e terminando por uma nobre invocação a Alma Portuguesa.

« Alma suave e pia,
Alma candente e heroica,
Real no intento, simples na energia,
No soffrimento resignada e stoica,
Doce no amor, e na melancholia;
Eia, arranca de ti o manto escuro
D'essa austera, apagada e vil tristeza;
Seja-te ainda o Gama palinuro;
Ha, quem sabe? outras Indias no futuro,
Ó Alma Portuguesa! »

Precede o poema uma carta-historica ao Sr. Eça de Queiroz, fecunda de imaginação e escripta n'um portuguez castiço, torneado n'um estylo de mestre.

VERSOS, por Francisco Lins. — *Juiz de Fora, Mattos, e Moreira editores, 1898.* — Recebemos do seu auctor este livro de bellas poesias, que se divide em 4 partes distinctas, respectivamente intituladas *Sonhos, No inverno, Intimos e Versos diversos*. Estes subtitulos qualificam perfeitamente o caracter das varias composições compoortadas no volume, e com as quaes o Sr. Lins se accentua um poeta de valor da velha escola lyrico-romantica. Eis uma prova:

Passarinho, passarinho,
Como é tristonho teu canto!
Brilha em teus olhos o pranto...
Tu soffres? Perdeste o ninho?
.....
Olha, se a ti falta asylo,
Eu te darei um tranquillo
Ninho, dentro do meu peito.

Em raras poesias o Sr. Lins é ligeiramente satyrico, mas com a delicadeza de um romantico sempre.

Emfim, parece-nos que, como poeta, vai no bom caminho.

A descoberta da India. — Mais um completo e bem e-cripto livro por Coelho Netto. Romance historico sobre o grande feito do seculo xv. — Editores Laemmert e Cia, Rio de Janeiro.

La Diplomatie. — Publicação semanal illustrada dirigida pelo Sr. René Breviaire — Recebemos os numeros 31-32-33-34-35-36 trazendo os retratos de Gladstone, ministro francez Rambaud, Duque d'Almodovar et Don Ramon Villalon, ministros dos estrangeiros et da marinha de Hespanha, Marechal Lopes Dominguez e Paul Deschanel, presidente ultimamente eleito a Camara dos deputados da Republica Franceza. Sumario dos mais variados; artigos de actualidade, questões diplomaticas, revistas financeiras, politica internacional e viagens.

Revista Portuguesa. — Colonial e Maritima. Interessante publicação que se publica em Lisboa sob a direcção do Sr. Ernesto Vasconcelos. — N° 9 de 20 de Junho trazendo artigos, litterarios, historicos, financeiros, de agricultura e marinha.

The Hule. — Revista Inglesa de Sport, illustrada a cores e com um variado e interessante texto—Londres—Court-Road, 197.

Sagres. — Um elegante folheto de quinze paginas contendo bellissimos versos do inspirado poeta brasileiro Olavo Bilac, em commemoração da descoberta do caminho da India.

Revivendo a brilhante figura historica do infante D. Henrique, o illustre poeta brasileiro, com o seu grande poder evocativo, canta:

Só, na tragica noite e no sitio medonho,
Inquieto como o mar sentindo o coração,
Mais largo do que o mar sentindo o proprio sonho,
— Só, aferrando os pés sobre um penhasco a pique,
Sorvendo a ventania e espiando a escuridão
Quêda, como fantasma, o infante D. Henrique.

O poemeto segue, com grande vigor épico, e estylo proprio do assumpto, e termina com as duas magnificas estrophes seguintes:

Todo o Oceano referve, incendiado em diamantes,
Desmanchado em rubins. Galeões descommunes,
Crespas selvas sem fim de mastros deslumbrantes,
Continentes de fogo, ibhas resplandecendo,
Costas d'ambar, pareceis d'aljofres e coraes,
Surgem redomoinhando e desaparecendo.

É o dia! A bruma fuge. Illuminam se as grutas.

Dissipamse as visões... O Infante, a meditar,
Como um fantasma, segue entre as rochas abruptas...

E impassivel, oppondo ao mar o vulto enorme
Fim de um mundo sondando o deserto do mar
— Berço d'um mundo novo, o Promontorio, dorme!

Gil-Braz. — Quinzenario illustrado de musica, litteratura, critica, theatros touros e sport. — Redactor, Vieira Junior, Lisboa. Recebemos os n°s 1, 2 e 3 trazendo os retratos de M. Mesquita, Eleonora Duze, Vasco da Gama e Oscar Leal, o artista novelli outras diferentes celebridades portuguezas e estrangeiras. — Cada numero é acompanhado de um suplemento musical.

Revista Juridica. — Orgão da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro. — Anno IV, n° 2. — Redactores: Candido de Oliveira Filho, A. de Azevedo e Mesquita Barros.

Antonio Maria. — Folha humoristica do grande caricaturista portuguez Bortaldo Pinheiro. Numeros de 27 de Maio e 4 de Junho; Caricaturas cheias de verve e de toda a actualidade politica em Portugal. Direcção: Lisboa, Largo do Calhariz 12-1°.

Revue du Brésil. — 56, rue Saint-Georges, Pariz. Director: A. d'Atri. — Collaboração de diferentes escriptores brasileiros portuguezes e italianos. Numeros 40

e 41, ricamente illustrados da sua inesgotavel colleção de quadros do Brazil. Retratos dos artistas. — Novelli, Olza Gianirini e do esculptor italiano Cermigliari-Melilli.

Revista Brasileira recebemos o fasc° 77 d'essa publicação, intelligentemente dirigida pelo Sn. José Verissimo, cujo summario é o seguinte:

I. — O centenário da India. — II. — A lenda de Machico, por Zepherino Candido. — III. — Um historiador politico. — O Sr. Joaquim Nabuco, por José Verissimo. — IV. Alvorada, versos, por Alberto de Oliveira. — V. — Impressões d'Allemanha, democracia e socialismo (*continuação*) por João Ribeiro. — VI. — A Imitação de Christo, por Affonso Celso. — VII. — Augusto Leverger (*continuação*), pelo Visconde de Taunay. — VIII. — A Portugal, versos, por Magalhães d'Azeredo. — IX. — Extinção do Cargo de Vice-Presidente, Alvitre de Reforma Constitucional, por Lucio do Mendonça. — Bibliographia.

Le Sport Universel. — Director: J. Romain. — 13, rue de Londres, Pariz. — Revista hebdomadaria de todos os sports. — N° 99 trazendo uma bellavariadade de gravuras sobre o Grand Prix de Paris, o Concuro Hippico de Bezières — A exposição canina das Tulherias e as regatas de Avion.

A Moda Elegante. — Directores Proprietarios: Guillard Aillaud e Cia, 66, boulevard Montparnasse, Paris. Recebemos os numeros 19-20-21-22-23-24-25-26 sempre atrahentes sob a intelligente redacção de Blanche de Mirebourg. — Moldes e modelos das ultimas novidades. — Figurinos em cores — e interessantes Variedades.

Primeira Pedra. — Numero commemorativo da fundação do Real Centro Portuguez de Santos, Brazil.

Diario de Noticias de Lisboa. — Muito agradecemos ao illustrado collega a gentileza do seu ultimo artigo para commosco. — O mesmo diremos da *Provincia*, de Pernambuco pelas suas amaveis palavras em relação a *Revista Moderna*.

Continuamos a receber. — Os seguintes diarios e semanarios do Brazil e Portugal. *Jornal do Commercio.* — *Diario Popular* — *A Provincia* — *Tribuna Italiana* — *Germania* — 15 de Novembro — *A Aspiração* — *A Gazeta de Figueira* — Nove de Julho — *O Conimbrense* — *Aurora do Calvado*.

Revue Illustrée. — Publicação artistica de Ludovic Baschet, 12, rue de l'Abbaye, Pariz, XIII anno. N° 13 de 15 de Junho. Trazendo artigos de Sarcey — Brissou J. Lorrain — Desjardins — acompanhados de admiraveis gravuras. Dois ricos supplementos — Salomé — e o retrato de Adolpho Villette.

PORTUGAL. — Albuns do Centenario da India. — Recebemos e agradecemos esta ma-

gnifica publicação, uma das mais bellas que no seu genero se tem feito até hoje em Portugal. Compõe-se de trez albuns, o primeiro in-folio e os restantes in-fº francez, contendo esplendidas photogravuras dos principaes monumentos d'arte portugueza e seus detalhes, e conjunctamente, aspectos de ruas, festas typicas populares, como procissões, arraiaes, toiradas, etc. A impressão, executada na Companhia Nacional Editora, é superiormente feita; e quanto ao trabalho de photographia e á direcção dos albuns, basta que digamos serem do nosso preado collaborador Arnaldo Fonseca, para garantir aos leitores a boa escolha dos assumptos. O material é magnifico, e, emfim, os albuns *Portugal* honram sobremaneira o assumpto a que foram dedicados. Custam estes albuns 5 fr., o maior, e 1.50 os outros dois.

Album de Caliban. — Quinto libretto, de uma paqueta e elegante serie de ligeiros e sugestivos contos. Editores: Laemmert e Cia — Rio de Janeiro.

Contos e Phantasias par José Vicente Sobrinho. — São Paulo. — Como indica o seu titulo é esse paqueto e elegante volume, uma colleção de bem interessantes novellas de uma facil e agradável leitura.

Revue du Billard. — 2º anno, redacção, 24, boulevard des Capucines. — Matches, jogos e carambolagens de toda a especie.

ANNUNCIOS DA REVISTA

Sylvie e Jeanne Boué. — Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio da importante casa de modas e costuras que figura na capa da *Revista*. O grande successo obtido pelas irmas Sylvie e Jeanne Boué e a exposição permanente de modelos ineditos e de tudo quanto a *coquetterie* feminina pode imaginar de mais completo e atrahante: chama constantemente a os salões da rua do Helder, as mais bellas e elegantes senhoras, parizienses e estrangeiras.

As pessoas que desejarem procurar esta casa em nome da *Revista Moderna* serão attendidas com especial cuidado.

Equipagens de luxo. — A antiga e bem reputada casa **Demars**, cuja especialidade em materia de carros particulares e equipagens de luxo é bastante conhecida: faz pela *Revista* um annuncio, no qual as pessoas interessadas poderão se utilizar com toda a confiança. O serviço de carros particulares para familias ou estrangeiros de passagem: por dia ou por mez; é garantido por esse estabelecimento, como de primeira ordem e pelos preços os mais moderados. Um grande material aperfeiçoado com todas as exigencias do conforto e da elegancia está em constante exposição sendo todos os seus carros munidos de rodas, com borracha e rodas pneumaticas.

A Guerra Hispano-Americana

No nosso ultimo e rapido artigo sobre a guerra, deixamos os americanos em torno de Santiago, preparando-se para um assalto em regra com 15,000 homens, forte artilheria de cerco, balões de guerra, metralhadoras, todos os engenhos aperfeiçoados que a sciencia e industria têm ultimamente produzido para ajudar a arte da guerra.

Em frente do canal de Santiago as esquadras poderosas de Sampson e de Scley bombardeavam sem cessar os fortes do Morro da Socapa e da Estrella que defendem a entrada da bahia.

O grande assalto foi começado a 28 de junho proximo passado. Os americanos, depois de terem occupado algumas aldeias, que os hespanhoes tinham evacuado retirando-se para o interior e obrigando assim as tropas americanas a affastar-se da costa onde as protegia a artilheria da esquadra — atacaram Jaragua, Savilla, Syboney e alguns outros pontos em torno de Santiago. N'um destes ataques toda a cavallaria irregular dos americanos, composta em grande parte de millionarios de New-York, foi completamente aniquillada pelos hespanhoes que tomaram armas e bagagens aonde, com surpresa, foram encontradas as casacas e os objectos de luxo, com que os ricos senhores Yankees pretendiam adornar-se nas soirées, que projectavam dar em Santiago logo que esta cidade fosse tomada.

À medida porem que os Americanos se aproximavam da cidade iam vendo as difficuldades de um assalto, que a principio tinham julgado tão facil. Por traz das tricheiras numerosas e bem construidas, os soldados hespanhoes faziam fogo á menor investida dos americanos e obrigavam-nos a retirar.

Os seus canhões que empregavam polvora sem fumo e cuja posição era portanto muito difficil de descobrir, varriam as linhas americanas logo que ellas appareciam nas colinas que cercam Santiago.

O general Shafter, commandante das forças americanas, achava necessario esperar reforços antes de atacar a praça que parecia tão poderosamente defendida. Mas como os generaes Pando e Escario acorriam ao soccorro de Santiago cada um como 5000 homens, resolveu dar o assalto immediatamente.

No dia 3 do corrente todas as forças americanas ajudadas por mais de 5000 insurrectos, atacaram Santiago por differentes lados, enquanto quatorze navios americanos bombardeavam os fortes da costa e tentavam entrar no canal.

O ataque foi terrivel e desesperado de parte a parte.



Desembarque de expedicionarios americanos em Baquiri, perto de Santiago.

O general Shafter tinha affirmado que n'esse dia entraria em Santiago e como no dia seguinte era a data da Independencia que é a festa nacional dos Estados-Unidos, os soldados americanos combatiam com ardor e desespero, para poderem juntar á gloria da tomada de Santiago a alegria de a terem realisado em dia tão memoravel.

Os americanos porem foram repelidos com grandes perdas. Os relatorios officiaes accusaram cerca de



GENERAL SCHÆFFER

Commandante em chefe do exercito Americano.

2000 mortos ou feridos. As perdas dos hespanhoes foram tambem consideraveis mas a sua victoria tinha sido tanto mais gloriosa quanto é certo, como depois se averiguou, que tinham combatido um contra cinco.

Uma brisa de fortuna parecia soprar do lado da gloriosa Hespanha. Já os amigos do direito e os entusiastas dos rasgos de heroismo se alegravam do successo das armas castilhanas, quando, de repente, sem uma explicação, sem um commentario, chegou á Europa um telegrama annunciando a destruição da esquadra do Almirante Cervera.

Ao principio ninguem quiz acreditar em semelhante noticia, que ainda para parecer mais inacreditavel affirmava que Cervera tentara sahir da bahia n'um tal momento, quando sabia que em frente do canal estavam apinhados quatorze navios americanos, cada um d'elles mais poderoso que qualquer dos quatro navios da sua esquadra.

Novos telegrammas chegavam contradizendo-se, um d'elles relatava que a esquadra hespanhola tentara a sahida as nove horas da manhã. Tudo isto não passava decerto de um *canard* americano para festejar a independia... Não; d'esta vez a noticia era verdadeira.

O almirante Cervera saira de Santiago ás nove da manhã quando sabia que quatorze navios americanos estavam no espreitando com os seus poderosos canhões, porque recebera ordem de sair e porque, como official, sem discutir a ordem, obedecera.

O seu acto sem este motivo de disciplina teria sido de uma imperdoavel loucura; assim, foi uma das mais sublimes heroicidades inscriptas nos fastos gloriosos da marinha.

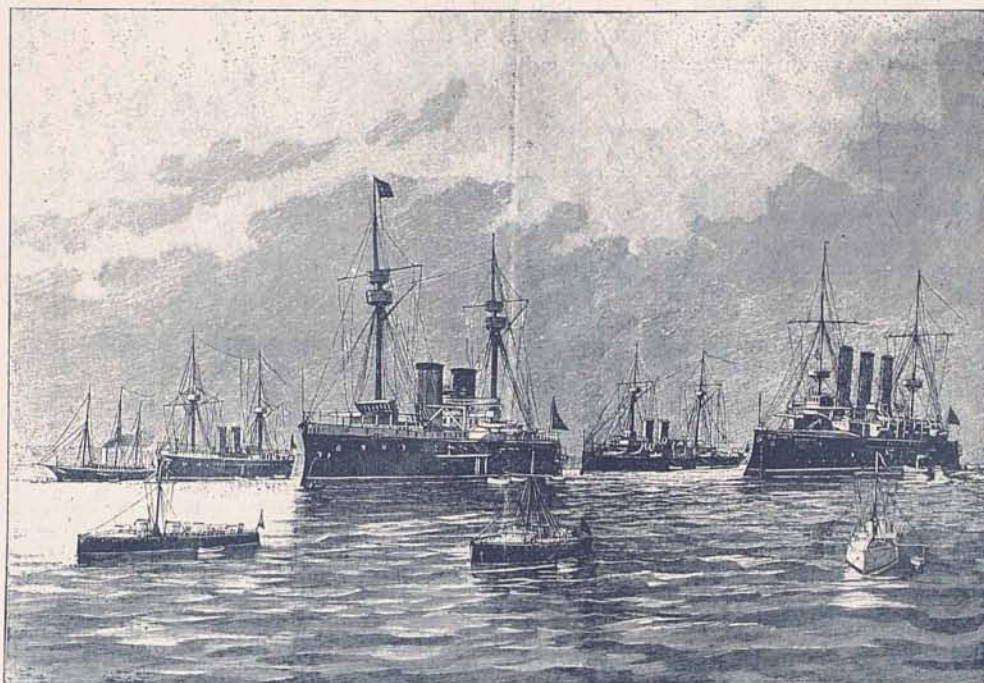
Eis a relação d'este memoravel combate naval, tal qual a inseriu um dos principaes jornaes de New-York :

« A tentativa feita pelo almirante Cervera para sair do porto de Santiago e salvar os seus navios é digna das mais valorosas acções da historia das guerras navaes. Em frente de forças esmagadoras não tinha outra alternativa, se tivesse ficado no porto, senão render-se ou ser aniquilado. Preferiu pois sair e lutar sem treva, mesmo já quando o seu proprio navio, todo em chammas, se afundava. Desde que a frota hespanhola se poz em movimento para sair do porto, os navios americanos começaram o fogo sobre ella e quando esta saiu seguiram-a durante uma hora na direcção de Oeste cobrindo-a de uma verdadeira chuva de projecteis que rasgavam as couraças, abriam rombos por onde a agua entrava violentamente e inundavam o convez de sangue. Apesar d'isso nem um só instante os hespanhoes deixaram de combater e nunca arriaram pavilhão mesmo quando os seus navios foram a pique ou cobertos de chamas, deram á costa.

Ahi os rochedos e as vagas completaram a obra de destruição.



Troço de cavallaria da expedição americana em Santiago.



Giralda Vitoria Pelayo Alfonso XIII Imperador Carlos V
 Ozado Audaz Proserpina

A esquadra do Almirante Camara.

da população civil de Santiago saíram da cidade e vieram abrigar-se em Siboney por traz das linhas americanas,

aonde parece estão morrendo de fome como os reconcentrados que os Americanos tanto lastimaram antes que a guerra fosse declarada. Por onde se vê que a miseria e a fome são inevitáveis durante as batalhas quer estas sejam dadas por insurrectos quer por soldados disciplinados e que só ao estado de guerra incumbem



AGUINALDO
 Chefe dos insurrectos dos Philippinas.

as mortes que os americanos attribuiam aos hespanhoes e que hoje não conseguem evitar.

O general Torral, commandante em chefe da praça de Santiago continuou a preparar-se para repellir o assalto com mais coragem e energia á medida que as difficuldades augmentavam.

Ao *ultimatum* que o general Shafter lhe enviou para que se rendesse respondeu o commandante hespanhol: — *Se quer Santiago venha tomal-o.* — O general Shafter comprehendeu talvez só então que força tem o heroísmo e na sua alma de soldado não deixou certamente de causar admiração o rasgo do general Torral, recusando capitular em semelhantes circumstancias. Á hora em que o nosso jornal entrou na machina o novo bombardeio de Santiago não começou ainda. Os americanos recebem incessantemente reforços, armas, munições e mantimentos, ao passo que as condições de existencia na cidade investida são, como é facil suppor

cada vez mais precarias.

Mais uma vez, na historia dos povos, a força esmaga o direito perante as nações attonitas ou indifferentes. Um punhado de bravos rôtos e esfomeados dispõe-se a morrer para a defeza da bandeira da patria, symbolo que os egoismos do seculo fizeram quasi ridiculo. E os imperantes que despõem da força e que d'um gesto poderiam repellir o invasor, quedam-se de longe com medo e quem sabe se com vergonha da lição de nobre e desinterado patriotismo que lhe dão os immortaes descendentes do Cid.

* * *

A esquadra de reserva commandada pelo Almirante Camara que saíra de Cadix como dissemos no nosso ultimo artigo atravessa n'este momento, o canal de Suez com destino as Phillipinas aonde vaee soccorrer os bravos que durante dois longos mezes tem sabido resistir ás forças consideraveis dos insurrectos commandados por Aguinaldo, armados e protegidos pelos americanos.



GENERAL CORRÊA
 Ministro da Guerra Hespanhol.

Oxalá que chegue ainda a tempo, de poder viugar os heroes de Cavita e fazer respeitar a soberania da Hespanha n'esses remoto archipelago de Oriente.

L. S.

Brazileiros Illustres

Conselheiro Pereira da Silva

REGISTRAMOS com sincero pesar o fallecimento de um distincto brasileiro, que na sua longa e activa carreira toda ella dedicada á patria, conservou com a maxima dignidade um nome illustre e respeitado. Do nosso estimado collega « Le Brésil » traduzimos as linhas que seguem. O Sr. Pereira da Silva Conselheiro do Imperador D. Pedro II, Senador do Imperio Brasileiro, gran dignatario da ordem da Rosa, era um dos quarenta membros ultimamente eleitos para a Academia de Lettras do Brazil.

Foi tambem do Instituto historico e geographico Brasileiro e de muitas sociedades sabias. O conselheiro Pereira da Silva fez os seus estudos em Pariz obtendo em 1837 o diploma de bacharel em direito. Um anno mais tarde começou a sua carreira de advogado e de jornalista no Rio de Janeiro. Como representante d'esta provincia tomou assento na Camara de 1843 a 1887. N'esse anno foi eleito senador cargo que occupou até á proclamação da republica. Pertencia ao partido conservador e foi sempre contado entre os melhores oradores parlamentares do Brazil. Os seus mais importantes discursos, que foram reunidos e publicados, formam uma colleção de muitos volumes. Como escriptor Pereira da Silva publicou desde 1838 diversos romances, um poema: — *Gonzaga* — e muitos trabalhos historicos d'entre os quaes destacam-se: *Varões Illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*; *Historia da Fundação*

do Imperio Brasileiro; *O segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brazil*; *Historia do Brazil durante a minoridade de Pedro II*.

Ultimamente publicou ainda um pequeno volume intitulado: *Memorios do meu tempo*. Como collaborador da *Revue des Deux Mondes* publicou em francez: *Le Brésil sous l'Empereur D. Pedro II*; *La Littérature Portugaise, son passé, son état actuel*; *Situation politique économique et sociale du Brésil*.



Conselheiro Pereira da Silva.

Nas grandes luctas politicas em que sempre tomou parte quer na tribuna quer na imprensa soube sempre defender as suas ideias sem offender os seus adversarios. Depois da proclamação da Republica em 1889 renunciou totalmente á politica não deixando inimigos. O conselheiro Pereira da Silva que possuia uma grande fortuna viajava constantemente e visitou por diversas vezes toda a Europa. Na sua casa em Pariz que sempre conservou morreu inesperadamente cinco dias depois da sua recente chegada do Brazil. Não obstante a sua idade avançada era um homem bem vigoroso e muito mundano. Aos seus funeraes realizados na igreja de Santo Agostinho assistiu toda a colonia brasileira que acompanhou o feretro ao cemiterio de *Père Lachaise* onde teve logar o enterro.

Associando-se sinceramente ao lucto do paiz e da distincta familia a *Revista Moderna* presta homenagem ao illustre brasileiro.

Dr. André Rebouças

ENGENHEIRO André Rebouças cuja morte nos é tristemente communicada da ilha da Madeira era, na mais sublime expressão, um completo homem de bem. O nome d'esse grande patriota brasileiro é bem conhecido e respeitado em todo o Brazil, de onde partiu para não mais voltar em 1882, quando a sedição militar triumphante depoz a familia imperial, exilando-a para a Europa.

Antepondo a mesquinhas considerações de ordem pessoal, os seus sinceros sentimentos de gratidão para com a illustre familia desterrada, André Rebouças tudo abandona e embarca á ultima hora a bordo do *Alagoas*, acompanhando sem hesitação o velho soberano até Portugal. Depois da morte de D. Pedro II, Rebouças retirou-se para a ilha da Madeira, onde, na lucta diaria e incessante pela vida, veio a fallecer, pauperrimo, talvez esquecido de muitos, porém venerado na memoria dos que respeitam e comprehendem os elevados sentimentos do coração.

O nome do distincto professor acha-se ligado a mais de um importante trabalho de alta engenharia no Brazil; e a sua opinião em materia de construcção foi sempre acatada por todos os collegas, que nelle viam um mestre tão modesto quanto authorisado. Tinha a seu cargo desde muitos annos a primeira cadeira do 1º anno de Engenharia Civil e as suas lições de construcção e resistencia dos materiaes, eram ouvidas attentamente, mesmo

por aquelles que, já alheios aos cursos da Escola Polytechnica, queriam lembrar tão uteis e aproveitaveis ensinamentos.

O seu espirito de justiça tão recto e independente tornava-o querido pelos discipulos, que sabiam que, indifferente a nomes e a opiniões, o Dr. Rebouças só dava o seu voto á hora do julgamento, baseando-se com imparcialidade nas provas apresentadas pelo concorrente. A sua illustração não se limitava ás variadas materias do curso escolar; conhecia diversas linguas, com especialidade o inglez que fallava com a correção de um brittanico e as sciencias naturaes do mesmo modo que a litteratura eram cultivadas polo seu espirito curioso e indagador.

Antonio Rebouças, seu irmão e tambem conceituado engenheiro, rivalisava nos collegios com André, cuja decidida vocação pelas mathematicas desde tenra idade se manifestara. O pae dos dois talentosos estudantes, a quem os mestres elogiavam a applicação e o exemplar procedimento dos filhos, dizia commovido revelando uma especial predilecção pelo mais moço: « Como o meu Antonio ha poucos mas como o meu André, nenhum ». A *Revista Moderna* dedicando algumas linhas á memoria do illustre brasileiro, presta homenagem a um homem que alliava a grandes dotes intellectuaes, um caracter illibado e as mais raras virtudes civicas.

VALENTIM MAGALHÃES

ESTE distincto homem de letras brasileiro, hoje collaborador desta *Revista*, é uma physionomia sympathica por muitos titulos, aos olhos dos que no Brasil têm o elevado amor das cousas litterarias.

É banal a affirmação de que, nos paizes novos onde a desvantagem de ser novo o paiz é aggravada pela natureza tropical, que os physiologistas e os criticos apontam como incompativel com a persistencia do esforço e a prolongação do trabalho intellectual, não é possível attingir a um grande aperfeiçoamento a cultura artistica do espirito. Valentim Magalhães é um desmentido vivo dado a esta opinião. Paiz novo não quer dizer exclusiva preocupação do interesse material, nem calor quer sempre dizer preguiça. Sem duvida para o litterato, aquelle meio é menos favoravel e requer maior somma de energia e aquelles que n'elle vencem é porque têm uma organização privilegiada e têm, em alto gráo, aquella energia que afinal de contas não deve ter outro nome senão talento.

Valentim Magalhães é, no meio litterario brasileiro, pela designação prophetica do seu nome attenuado pelo doçura diminutiva da desinencia, um valente. É tambem um pertinaz. Não é um politico, não é um homem do interesse e esta dupla immunidadade tem sido a causa principal do seu aperfeiçoamento e do seu successo. É um notavel escriptor, é um polemista que tem tido luctas ardentes e um poeta, um critico, um romancista, um jornalista que tem tido na sua carreira de trabalho nunca interrompido, momentos de brilho que têm sido a mercedissima recompensa da força de vontade que elle tem sempre posto ao serviço do seu talento. É um nome que no Brasil é popular mas esta popularidade não tem sido incompativel, como muitas vezes acontece, com o apreço dos cultos que elle sempre tem merecido.

Ora pensar e escrever para muito pouca gente constitue no Brasil um meio de vida; ha quem viva de escrever sem pensar mas isto só é possível no jornalismo ou na sua feição industrial que é o negocio de vender noticias mais ou menos verdadeiras com alguma ou mesmo sem nenhuma litteratura ao lado, ou de modo menos suave, no jornalismo politico que é livre pela Constituição mas que encontra a restricção do empastelamento instituição essencialmente official em quasi todos os paizes. Nesse jornalismo ha dous caminhos: ou diser bem do poder com o fim de ser o escriptor nomeado para qualquer cousa, ou diser mal do mesmo governo o que é o caminho do empastelamento do jornal e o da perseguição do jornalista. Os habeis conseguem ser jornalistas escapando a esta alternativa. Emuitos destes escriptores preferem não escrever, prolongando com facilidade a nomeada que porventura outróra obtiveram. Foram a principio conhecidos pelo que escreveram e são depois considerados pelo que não escrevem.

A posição de escriptor que não escreva é das mais commodas e das mais proprias para evitar inimigos. O escriptor que não escreve tem a certeza de nunca escrever menos bem. Valentim Magalhães podia ser sem trabalho um destes felizes. Podia sem grande esforço ir tomar assento deante de uma meza de qualquer secretaria e a Nação não empobreceria ainda de uma vez se, em honra e proveito d'elle, mandasse pôr mais uma taboa d'accrescimento á aquella outra meza celebre chamada a meza do orçamento. Podia mas não quiz tambem ser juiz ou ser advogado. Preferio ser escriptor e o que é mais raro, escriptor que escreve. E não escrever com certeza lhe seria decerto mais proveitoso. Parece porem que seria impossivel vencer o seu temperamento. Os inglezes dizem que ha quem nasça com uma colher de prata na bocca. De Valentim Magalhães dire-

mos que nasceu com uma penna d'áço na mão e essa penna nunca mais a largou até hoje. Com ella escreve de tudo e em tudo que no Brazil é motivo, razão, ensejo, e lugar onde se escreva. E quando é preciso tambem falla. Ha poucos annos fallou em Lisboa n'uma conferencia critica, a respeito dos poetas brasileiros e as suas palavras foram escutadas com attenção pelo erudito auditorio, que reconheceu no orador autoridade e competencia para tratar d'esse delicado assumpto.

No Brazil ha muito a mania da hierarchisação do merito e, á semelhança dos norte-americanos que em todo esforço ou em toda proficiencia só querem saber quem é o que mais alcança, o que exprimem pela phrase *to beat the record*, no Brazil, dizemos, ha quem perca as suas noites em escrever para demonstrar que este ou aquelle é o primeiro poeta, aquelle outro o primeiro jornalista e descendo pela classificacão, os criticos alinham listas e assim é um homem nomeado, sem esperar, terceiro folhetinista da Republica ou o decimo sexto poeta epico de Sergipe.

A critica litteraria não costuma ser, no Brazil, a explicação do auctor e do seu meio para melhor intelligencia da sua obra. Como ella é feita lembra antes uma distribuição de lugares em escola de meninos depois do exame de taboada, no ultimo sabbado do mez. São objecto desse exame e destas distincções, no sentido do louvor ou do vexame, segundo vão para a ponta ou para o fim do banco, todos os que escrevem ou poderiam escrever. E o mestre é qualquer. Valentim Magalhães, que é um critico, é possível que tenha ás vezes, feito tambem destas classificações. É decerto porem esta a primeira vez em que, cahindo elle proprio em mãos de um confrade, não é tambem por sua vez classificado, rigorosamente, n'uma ou n'outra ponta do banco segundo o bom ou máo humor do critico ou encaixado no meio se o critico tem, como muitos, a furia de ser imparcial. São contingencias de todo critico quando por sua vez, é criticado.

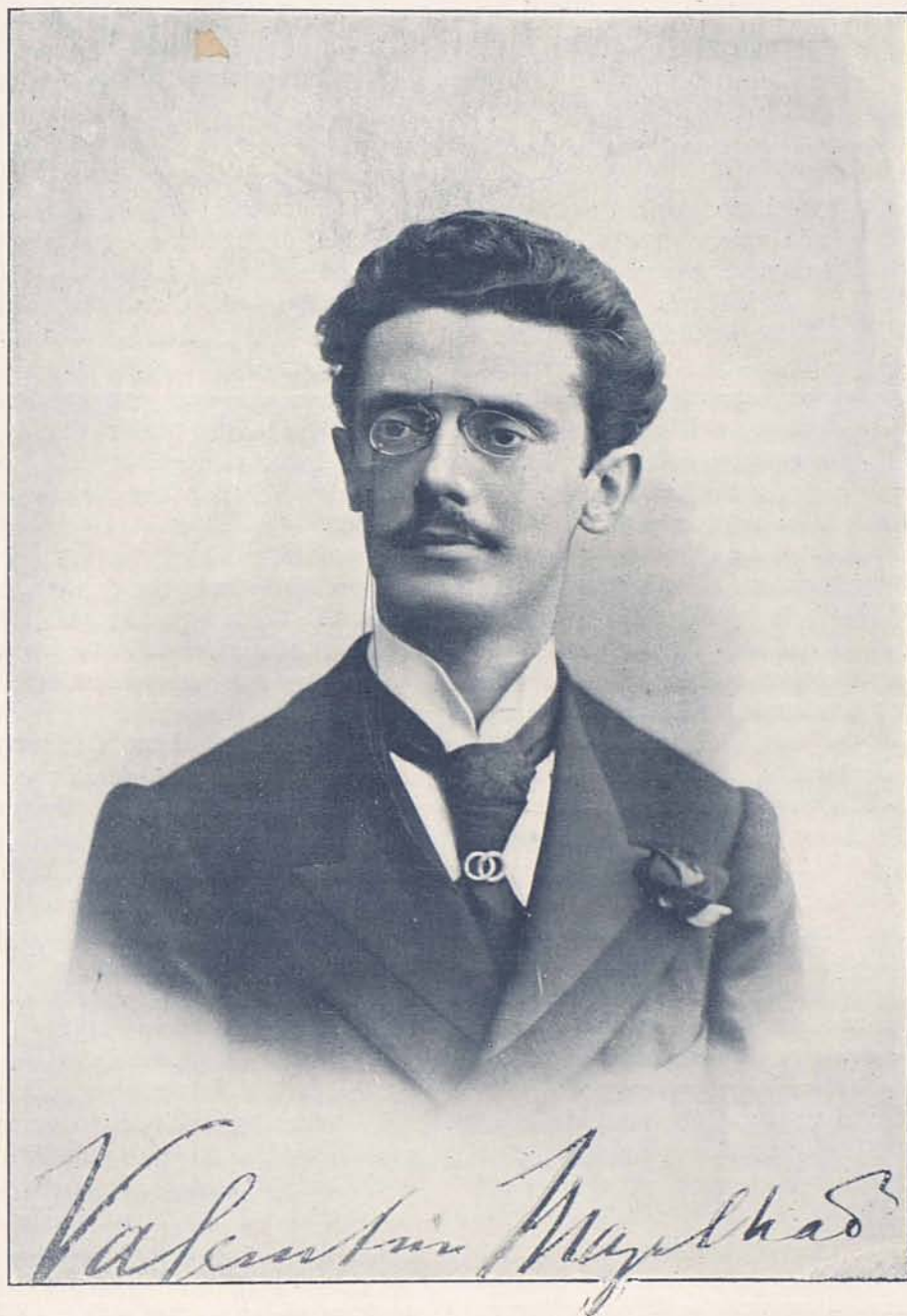
Valentim Magalhães merece muito pelo muito que tem feito na sua dispersa mas sempre productiva carreira de escriptor e se não fosse escriptor de boa escripta, como é, seria sympathico sómente pelo seu grande amor das letras, amor que é um grande exemplo e que assim é um modo mais efficaç embora menos lucrativo do que muitos outros, de servir a sua terra.

Nos ultimos vinte annos, não tem havido no Brazil uma publicação, um jornal, um movimento qualquer que, de um modo ou de outro, revelem um lado intellectual sem que Valentim Magalhães ahi appareça na primeira fila, entre os mais ardentes.

Não temos em mãos os dados competentes e necessarios para faser, sobre o escriptor e critico brasileiro, um estudo mais ou menos completo e de accordo com a sua individualidade litteraria; a distancia material, que nos separa do meio em que vivem os nossos principaes homens de letras, é uma grande difficuldade que annulla a melhor parte da nossa boa e sincera vontade. Por essa razão deixamos especialmente de fallar sobre as recentes obras de Valentim Magalhães, algumas das quaes ainda não tivemos o praser de lêr e entre estas: « *A Litteratura Brasileira* » que tanto procuramos, e que, só agora, devido ao obsequio de um amigo acabamos de receber de Lisboa.

A *Revista Moderna* publicando o retrato do illustre litterato e seu brilhante collaborador sente-se feliz por ter essa occasião de apparecer entre aquelles que dão ao merito e ao trabalho, o applauso que é, para elles, a grande, embora muitas vezes a unica recompensa.

M. BOTELHO.



VALENTIM MAGALHÃES



A Estatua



A eclosão gloriosa dessa manhã de maio, o monge sentiu que ia morrer, para renascer em Deus.

Pela porta da cella, aberta sobre as verduras da cêrca, os seus olhos em que bruxoleava a chamma da vida, voguearam absortos. E era como se amortalhado ha muito, no tumulto de sombra d'um pezadêlo gelado

— bruscamente acordasse no deslumbramento d'uma alvorada d'ouro.

Quem tinha entrado na cella, enquanto dormia?... Alguem viera esfolhar lyrios de luz sobre o seu leito... Alguem viera: — a radiosa Primavera! E o fulgôr divino que emanava da sua immortal belleza, dentro d'elle se filtrara, arrebatando-lhe a alma no extase d'uma encantada miragem do Paraizo. O seu halito perfumara-lhe a boca, como se lhe tivesse brotado um rozeiral no peito. Fluctuava-lhe o coração n'um sonho d'ether e claridade. Antes de morrer, era como se pela primeira vez visse o sol... Aquella luz era talvez já o matinal esplendôr da Bemaventurança!...

Em torno d'essa agonia mystica, celebrava-se o grandioso mysterio dos seres e das coisas, a sagrada Resurreição da Mãe Original, no primeiro estremecimento das suas entranhas para o parto bucolico do estio. Para além do terraço em ruinas, onde cardos e urzes se erriçavam entre fragmentos d'estatuas mythologicas, o vasto campo desenrolava a sua praia-mar de verdura, ondulando na limpida e rutila vibração da luz fecunda. Na alleluia triumphal do Astro procreador, já os pomares se toucavam d'alvas grinaldas, para o noivado da terra com o Ceu. Ao longe, dir-se-hiam aladas theorias de anjos, em veus d'alvura fluctuante, as vaporosas macieiras: e lembravam rosas enormes de feéria, os pecegueiros em flôr. Até as asperas e bravias serras, côr de burel, a Primavera revestira da gala d'ouro fulvo das maias; — e mesmo ás mais pobres arvores, a mendigarem como viúvas, pelos caminhos, atirara esmôlas de flores — Um velho olmo que dera sombra a gerações mortas, rejuvenescia com a tranquilidade d'um Patriarcha, sorrindo na sua barba branca, entre a buliçosa alegria dos netos. Ás proprias figueiras de maldição, que nunca dão flôr, o amoroso milagre transformara em fructos verdes, as lagrimas de remorso. E na margem d'um regato claro, que ia cantando risos de nayades, na frescura d'um prado todo geado de margaridas como um ceu estrellado, as

iris inclinavam-se como candidos olhos de creanças, olhando e sorrindo; enquanto os tysicos choupos, resuscitavam como fantasmas de Ophelias, e os pensativos salgueiros, sob as suas cabelleiras d'Hamlets, pareciam sonhar, fitando o deslizar da agua ephemera e translucida, como a chymera.

Um aroma de vertigem s'esparzia dos thuribulos dos lyrios, que incensava o ar d'um languido e voluptuoso sonho de beijos. Suspiros errantes arfavam nas roseas olaias, que estremeciam, como scios de virgens que despertam. Palpitações chromaticas d'abelhas, vibrações brancas de borboletas, bailavam embriagadas no delirio dos perfumes, em torno dos corymbos de pedrarias dos lilazes. Nos troncos centenarios, na cavidade das rochas milenarias acordara a infancia gorgeante dos ninhos. Nas verdes naves dos arvorêdos graves, cantavam epithalamios as aguas eucharysticas das Fontes.

Uma emanação de vida exuberante e juvenescente, brotava do Coração da Terra; fremia surdamente nos gergens; ascendia no trabalho subterraneo das Seivas; revigorava as Raizes; palpitava no thorax das Plantas; entumescia os cachos nas vinhas e as espigas nos trigoes. Tudo parecia palpitar d'um arripio humano, na embriaguez pagã do azul. Afloramentos d'azas, sussurros de folhagens, murmúrios e gorgeios, vibravam no silencio vivo do Campo. As pedras viviam. As flôres sonhavam. As sombras suspiravam. O mesmo fremito amoroso e latente, parecia animar as fragas nuas e os cardos que torciam os braços, em macabras attitudes de lubricos abraços. Dir-se-hia ouvir latejar a seiva, e germinar a herva nos caminhos!...

E o hausto da grande Natureza livre, entoando o concerto universal das Forças, vinha até elle, como o vasto rythmo d'uma orchestra grandiosa. Era um hossanah de gloria, uma eurythmia de sons mysteriosos e de murmúrios longinquos, cantando á beira da Morte, o triumpho da Materia e o encanto das Formas creadas. E o sopro da Vida Immortal, reacendia os olhos do Monge, em que bruxoleava a chamma ephemera da vida humana.

* * *

O Convento antigo ficava n'um valle deserto e lendario, longe dos Homens. Era enorme e solitario, como uma negra fortaleza da Fé, erigindo no ceu as suas torres e as suas cruces. Em torno cerravam-no baluartes de pedra secular, desoladas montanhas escalando as nuvens. Nenhum tumulto de vida echoava n'aquelle logar longinquo, senão o còro lugubre dos psalmos e as lentas

vozes de bronze dos sinos, soluçando e clamando nos horizontes calmos.

Más a Primavera chegava! E todo aquelle êrmo se punha de repente a refflorir, como um paraizo no meio d'um deserto d'esterilidade — ou como um sonho d'amor no coração d'um velho. A musica alegre dos ninhos e das nascentes cantava ao sol e ao luar, os esponsaes das Flores e os idyllos dos Astros. E na vastidão do valle profundo, a ondulação das searas verdes que a floração dos pomares cobria d'espumas, lembrava um Atlantico de verdura, cujas vagas o vento encapelava n'um raivoso assalto, contra os muros de pedra do Conventó solitario...

Ali viviam, longe dos Homens, as almas puras a quem o tumultuoso Mundo não dera outra imagem senão a do amargo tedio do Peccado. N'uma ancía sublime d'Infinito, aguardavam a morte, como uma revelação. E na esperança da Verdade absoluta, procuravam na clausura ascética e na abstracção mystica, o venturoso desdem da illusão humana e da realidade agreste. Calcando ainda a Terra com os pés, os seus olhos fitavam o Ceu. E assim, essas almas moravam já n'um mundo superior, enquanto os corpos se ligavam ainda a um mundo inferior. Vivendo na pobreza dura e na abstinencia austera que ama o Senhor, cada dia que passava, era um degrau que os aproximava da Graça, nessa luminosa Escada de Jacob que sobe dos infernos da carne para os divinos Edens que habitam os espiritos eleitos. Um ar de pureza fluctuava n'aquelle valle distante. Dir-se-hia que era ali outro o ar, n'essa visinhança do Infinito e que o halito de Deus o purificava!

Quando as sombras violáceas velavam os montes mudos no crepusculo, os monges sahiam á Cerca, para contemplar Deus nas primeiras estrellas. E a derradeira luz do sol e a primeira luz do luar, esparziam-se sobre o negro mosteiro, como um sorriso do ceu. Em lentas theorias, com gestos calmos que benziam o Silencio, os monges meditavam então no nada das coisas terrenas, á sombra dos cyprestés mortuarios do Cemitério, cujos muros brancos, aonde todas as aleas iam desembocar, eram para elles ao mesmo tempo, symbolicamente — tumulo de pedra e portico d'oiro. O emblema da sua ordem era um lyrio de candura, abrindo as petalas em cruz sobre a árida nudez d'uma caveira.

Vestiam de burel, como os mendigos. Todos eram palidos, sob os escuros capuzes, de asceticas faces longas, e largos olhos queimados d'extase, onde toda a chamma do desejo humano se apagara. O maior numero era de homens bem moços ainda, a quem a primeira miseria, ao entrar na Vida, bastara para iniciar no caminho da Fé.

Apenas o Superior era um velho veneravel que vivera muito, e que dera a volta ao Mundo e á Desgraça. Uma lenda de mysterio e dôr o aureolava. Fora rico, bello e amado, senhor de villas e castellos. Na via-dolorosa do Amor, deixara farrapos sangrentos do coração pelos espinhos. Antes de amar o Ceu, tinha amado a Vida. Conhecera todos os prazeres que dá o oiro e todas as lagrimas que dá a voluptuosidade. Mas um dia, osinhos dos festins do Vicio, deixaram-lhe nos labios o travôr do fel: e todos os beijos lhe souberam a sangue. Renunciou para sempre á eterna mentira sentimental e carnal, n'uma vida constante de macerações. O cilicio

da Penitencia cingia ha longos annos esse corpo, que tinham cingido os braços lubricos da Mulher. E dir-se-hia que o Senhor ordenara que esse Santo vivesse sem fim, para que os seus annos numerosos de soffrimento e expiação, fossem um eterno exemplo de virtude silenciosa e austera.

* * *

Aquelle que agora agonisava, na alegria dourada d'essa manhã fecunda, despedia-se do Mundo, sem quazi o ter conhecido. Logo aos primeiros passos da adolescencia, os votos de castidade e de pobreza tinham-lhe cortado no coração todas as raizes da ambição e do desejo. A sua vida fôra um claro e suave regato, deslizando na sombra da humildade, para o Oceano do Infinito. Somente alimentada por orações purificantes, a sua alma abstinente desconhecia todo o crime e todo o mal, o egoismo do Homem e a perfidia da Mulher. Seus olhos, amortalhados em penumbras claustraes, ignoravam o sol. E suas mãos eram virgens: não tendo nunca tremido na vertigem d'uma caricia, apenas sabiam erguer-se no gesto da prece. Assim, aquella agonia mystica, devia ter a candura d'uma infancia e a pureza dum lyrio que se desfolha ao luar.

Nenhuma saudade, nenhuma ligação o prendiam á terra, pelos sentidos. Que outra aspiração pôde ter uma alma justa senão a de se absorver em Deus?... E enquanto que o seu olhar errava absorto no deslumbramento da Primavera, o Monge immaginava fluctuar já no immortal esplendor da bemaventurança.

Porfim vieram os seus olhos pousar como duas borboletas cançadas na caveira dum santo, que sob uma cruz de ferro tinham deposto deante d'elle, sobre um altar. E ao encarar n'esse bloco d'ossos, espectral e sombrio, o seu coração não sentiu nem pavor nem pezar. Como um sepulchro onde jazem gelados os fantasmas das lagrimas e dos sonhos, o velho craneo parecia fital-o com as orbitas vazias como duas covas, onde os vermes tinham sugado os cadáveres dos olhos. E o seu rictus duro, crispado n'um enigmatico sarcasmo, parecia dizer:

— Tudo, em mim, se extingue e decompõe: n'este espelho disforme e livido e repelente, esburgado pelas Raizes, esverdeado pelos lichens, pulido pelas gangrenas, tudo termina na terra, ó homem: — Ambições, chimeras, glorias, martyrios, ideias, amores, desejos! Eu sou a imagem da Vida na Morte. Eu sou o symbolo severo da miseria e do nada da vida carnal. O teu corpo não é senão isto: — farrapo vil de materia ambulante que o vento desfaz em poeira; podridão verde que vão mastigar, na pastagem das vallas, os vermes vorazes. A tua carne é pó, terra, cinza e nada. Só a alma não morre! E só em Deus que a creou, incorpora e immortal, é que a verdade existe! Tudo o resto é mentiroso e vão!

Mas um halito ardente passou-lhe de subito pela face, que o fez estremecer. Era o halito da Primavera, o sopro abrazado da Vida que latejava lá fora na seiva das plantas; o fremito da Vida que enchia o ar do cantico das aves e das fontes; a exalação fecundante e pôderosa da Vida que refflorira as ruinas e mesmo as arvores do cemiterio, ao fundo da cerca, estrellara de floração como d'uma geada maravilhosa de luz crystalisada...

O monge olhou as arvores, a verdura, o azul do ar radioso que parecia vibrar n'uma ondulação de atomos

pullulantes. E estremeceia, aspirando esse bafo d'asphyxia, carregado das emanações das ervas e dos perfumes das flores, que transpiravam ao sol o seu suor de desejo. Um confuso arrebatamento lhe transbordava do peito, por aquella felicidade da terra. O que é que sentia? Que surpresa era essa de todo o seu sêr, inefavel e vagamente dolorosa, como a espera febril d'uma revelação ignorada e terrivel! Não era o cheiro penetrante dos lilazes que lhe dava assim vontade de chorar, de chorar sem saber porque?... Tentou fechar os olhos, para não ver a tentação das olaias que arfavam, roseos como seios de virgens que despertam.

Mas bruscamente, estacou, n'um assombro.

E deante d'elle, a *Estatua* surgiu, toda branca no esplendor do azul, milagrosa flor de marmore, desabrochada ao sol, entre as ruínas do terraço do Convento.

* * *

Era uma Estatua antiquissima e de maravilhosa beleza. Sobre um pedestal de granito que os braços das urzes e das heras cingiam como impetuosos desejos, ella erigia a nudez victoriosa do seu corpo gigantesco de deusa pagã, na apothose da luz. As pernas vigorosas e esbeltas, torneadas como as columnas d'um templo jonico, esculpian, na plastica alvura do marmore, todas as caricias e todas as harmoniosas ondulações da Curva. O ventre lizo tinha a pureza e a graça liquida das ondas. Nos seus quadris poderosos de Venus fecunda, dir-se-hia abrigar-se a maternidade augusta do Olympo. E, na sua cabeça luminosa, sorria todo o sonho da Belleza Imortal.

A patina do tempo limara-lhe as linhas dos dedos finos, estendidos n'um gesto de quem espalha benções de sementes e de beijos. O sol dera um clarão de loura vida carnal ao seu busto de marmore. Nos anneis da cabelleira esparsa em ondulações de seara, tinham orvalhos entretecido diademas d'opalas. Vinham as aves cantar-lhe na cavidade branca do côlo, como n'um ninho macio. As flores de lotus e d'espigas que lhe enastravam os anneis da frente, como uma corôa de Ceres, tinham reverdecido, na verdura da Primavera. Era a sua boca uma flôr desabrochante. E abstractos como chymeras, profundos como ceus, os casulos dos seus olhos, olhavam, com pupilas de luz.

Que estatua era aquella? Quem era? D'onde provinha? Porque ficara ali, a unica inteira, entre os fragmentos das outras que juncavam o terraço?

Abandonada ha seculos, sobre a corrente incessante d'uma fonte que aos seus pés cahia n'uma taça de granito, não tinha outros olhos que a fitassem, senão os das iris fulvas e das nymphéas brancas que cresciam em torno. Só uma velha esphyngue que jazia ao lado, já sem garras e sem azas, eternamente parecia interrogal-a, com os seus enigmaticos olhos de pedra. Os monges passavam por ali todos os dias, sem a ver — como se ella fosse apenas um duro bloco de marmore informe e frio.

Porque razão maravilhosa e oculta, ella o atrahia agora como se fosse realmente mais alguma coisa do que isso; — uma velha pedra inerte? Porque era que aquella Estatua, pela qual tantas vezes passara, sem demorar um instante a attenção d'um olhar, o fascinava profundamente?

Mas n'esse momento, uma recordação lhe acordou no

espirito... Fora ha muitos annos, no principio do seu noviciado, quando abandonara para sempre o tumulto das cidades do Pecado... Era por um crepusculo d'outomno, duma inefavel tristeza moribunda. Adeuses mysticos d'almas suspiravam no ar macerado e roxo. O ceu empalidecia. Já o luar manava sobre as sombras das montanhas, dava fumos vagos de sonho ás coizas, e tudo em torno parecia exthatico... Oh! que caricia triste, fluctuando no espiritual desmaio da luz!... As aguas sonhavam, somnambuladas, nas fontes. O aroma das violetas entrava-lhe no coração, como uma muzica nostalgica. E sem saber porque, sentira de repente uma grande vontade mysteriosa e invencivel de chorar.

E lembrava-se agora, que subitamente, uma surpresa indizivel o agitara, quando ao erguer os olhos razos d'agoa, avistou deante d'elle, aquella mesma Estatua. Dir-se-hia que ella chorava tambem, com os olhos nos d'elle, encarando-o com uma melancolia silenciosa, na solidão outomnal da Cerca. Pareceu-lhe ouvir um gemido, que partia do seu peito de marmore... E um momento, assim, ficara, suspenso, parado, absorto, fitando a Estatua que o fitava.

Mas o sino soou na torre do mosteiro — e foi como se acordasse. Ao ajoelhar d'ahi a pouco na frieza das lages do Côro, entre os outros monges, já aquella impressão de todo se apagára — como se tudo não fora senão um delirio dos sentidos, uma halucinação dos olhos entenebrecidos pelas lagrimas e dos ouvidos enganados pelos rumores das folhagens que a briza leve agitara.

Lembrava-se, agora. E foi como uma revelação! Era então certo? A alma da Estatua, resuscitara de novo? E suspenso, poz-se a olhal-a...

A Estatua vivia! A Estatua vivia!

Sob os afagos deslizantes do sol, as solidas formas puras do seu corpo nu, pareciam offerecer-se. Os raios davam-lhe reflexos roseos, cambiantes fulvos de carne. Palpitava-lhe a onda firme do ventre. Arfavam-lhe os seios tumidos e erectos como dois rigidos e lacteos fructos que desabrocham. Accendiam-se-lhe as pupilas. Dilatavam-se-lhe as narinas. Os cabellos, doirados na luz, espiralavam. Os braços erguiam-se, estendiam-se para o abraçar. O sol beijava-a na boca. Animava-a toda uma apparencia de vida; dava-lhe expressões diferentes, sorrisos. Por momentos, uma caricia de sombra parecia arripial-a d'uma emoção. E um sorriso de voluptuosidade desabrochava nos seus labios entreabertos. Alma immortal que jazia, ha seculos, nessa forma material, resurgia agora, ao sôpro do Astro creador!

E a cada novo olhar, tinha a surpresa d'um encanto novo. Pois elle era o Eterno Desconhecido! Symbolo radioso da Vida e do Amor, personificava todo o mundo pagão da Carne e do indomavel Desejo. Nenhuma mão de homem a creara. Antiga como os Deuses, nascera ha milhões d'annos, das nupcias do Sol com a Terra, dos esponsaes da Luz com a Sombra. A Primavera encarnara n'ella. Ella era a propria Vida!

O Monge encarou-a, como um Abysmo. Era um mundo novo que se revelava e que o deslumbrava. E n'aquella fascinação que o atrahia, sentia-se renascer. Coisas que até ali não sentira sentia-as. Imagens até ali apagadas, illuminavam-se por forma que nunca as concebera.

Como era bello e resplandecia o corpo de marmore

que parecia feito de carne!... Estendeu os braços, n'um gesto de adoração e de desejo. Mas um subito pavôr o fulminou, rigidamente. Aquella era de certo a forma da Luxuria, a tentação astuciosa do Pecado. Poz-se a fitar o cruxifixo, prostrado, a rezar, n'um desespêro, gritando, implorando por Deus.

— Senhor, Senhor, perdoae-me!

Ao lado, na Egreja, levantara-se ao som do órgão, uma lithania augusta. Mas outro hymno mais intenso, não profundo e lugubre, antes alegre e triumphal, cobria agora no seu côro formidável todos os echos sagrados : — e os versiculos christãos, cantando a Morte e o Ceu, chegavam aos seus ouvidos, transformados pelo eucanto da Primavera, em versos pagãos, celebrando a Vida e o Amor, — o Amor, dominador dos mundos! E as orbitas vazias da caveira do Santo, implacavelmente fixas, faziam-lhe agora evocar, n'um repugnante horror, todo o sinistro drama da Cova, a lenta decomposição na humidade da valla, sob o viscoso e surdo formilhar dos vermes.

* * *

O sol subira; invadira a cella como um aluvião d'oiro fluido. Um passaro que cantava entrou, voou um momento sobre o leito, veio pousar sobre o craneo. Depois, como sufocado pelo ar do Convento, bateu as azas para a suavidade do azul e das arvores em flor. E os seus olhos de novo fugiram da caveira, que symbolisava a Morte, para a Estatua, que symbolisava a Vida.

Porque ria elle assim, a fital-o?... De repente, deu um grito. Sentiu nos labios uma queimadura, e um jacto de fogo correr-lhe nas veias, como se a propria Primavera o tivesse beijado na boca. E no grande silencio que pairou, o monge ouviu a Estatua que lhe falava. E essa voz imensa, dizia áquelle homem que agonizava :

— Vaes morrer! Vaes morrer, sem ter conhecido a Vida. O teu corpo vae desfazer-se em pó, sem jamais ter palpitado, na alegria e na dôr do Mundo. Devorar-te-hão a carne, as larvas — essas verdes amantes sensuaes dos mortos. Não conhecerás outros abraços senão os das negras raizes vorazes : e os unicos signaes de beijos,

nas tuas faces, serão as pustulas roxas das gangrenas. O teu coração vae apodrecer na terra, sem ter vibrado nas alegrias da Terra : o teu coração que não pulsou nunca nos magnificos delirios e nas sobrenaturaes demencias : o teu coração de pedra, que não sofreu jamais as dôres sagradas do Amor, que valem todas as felicidades do Ceu. Roerão teus labios os vermes : os teus labios mudos que nunca suspiraram os lentos suspiros, que echoam dentro d'alma, como a muzica das aguas ao luar : os teu labios lividos, que nunca beijaram, nem

foram beijados. Sugerão teus olhos os vermes : teus olhos cegos que não fitaram os ceus luminosos d'outros olhos que te halucinassem, na deslumbrante miragem de que se volta com a alma illuminada ou ensombrada para sempre : os teus olhos ignorantes, que não souberam lèr o sublime poema que santifica ou que mata : os teus olhos inertes, que não choraram nunca as lagrimas da ventura, as dôces lagrimas felizes dos espasmos. Delirse-hão em poeira, os teus dedos que jamais tremaram no afloramento indizível das caricias errantes e dos cabellos esparsos : os dedos gelados das tuas mãos inuteis, que nunca apertaram contra o peito uma mão de mulher que desfalece. Esburgar-se-hão teus pés, na terra humida : teus pés aleijados, que só caminharam no lagedo d'um templo deserto : — teus pés paralyticos, que jamais te levaram atravez dos prados verdes, para os maravilhosos palacios encantados do Amor.

Tinhas olhos, e não

viste! Tinhas ouvidos, e não ouviste! Tinhas labios, e não beijaste! Tinhas coração, e não amaste!

A vasta Natureza, em torno, emudecera, para ouvir aquella voz formidável, que echoara, até ao Ceu. As pedras escutavam. As plantas, as flores, inclinavam-se, como quem ouve. As aguas suspendiam o seu curso, naservas imoveis. Calavam-se as aves nas sombras pensativas dos arvorêdos onde o vento se paralytara. O valle profundo, os montes mudos, escalando as nuvens suspensas, pareciam absorver-se n'um recolhimento imenso.

E ao echo sobre natural d'aquella voz augusta, que lhe falava como dentro de si-mesmo, nas profundezas



E no grande silencio que pairou, o monge ouviu a Estatua que lhe falava.

da propria alma, uma tumultuosa anciedade, uma angustia inarravel, o agitaram. Fechou os olhos, para a não ver. Mas via-a resurgir, mais luminosa ainda, reflectida no espirito em traços de chamma, recurvando as formas voluptuosas do seu corpo nu. Gloriosa, aureolada, triumphante, ella resplandecia, n'um esplendor crescente. Nas suas pupilas profundas como ceus, enigmaticas como desertos, fulguravam abysmos de perdição... Meio erguido no leito, desvairado, a tremer, perguntou-lhe :

— Quem és tu? Quem és tu, ó visão diabolica do Pecado, que me falas de mentira da Vida, da illusão da carne e da miseria vil da Terra, quando o ceu me espera e a Morte vae abrir-me emfim as portas d'oiro da Jerusalem divina?...

E de novo, sorrindo na luz com a sua bocca de marmore que o sol roseava como uma rosa de carne, a Estatua lhe tornou :

— Pois que! Não me reconheces, nem agora que vaes morrer, na hora absoluta em que todo o mysterio se desvéla!... Quem sou?... A Mulher! O sorriso da Luz! O sonho creado! A verdadeira Fé! Eu sou o Amor, a Vida, a felicidade dos sentidos, o espasmo dos sonhos, e a vertigem dos desejos. Eu sou a Mulher — Deusa e Rainha do Mundo! Aquella que enebria e que desvaira e faz d'um homem um criminoso ou um heroe. Aquella que os Padres da Igreja amaldiçoaram como a filha de Satan e que os Poetas cantaram desde as Origens, n'um hymno tremulo de chymeras e de prantos. Aquella por quem legiões d'homens se debatem, se trahem e se matam. O sangue que eu fiz espalhar pela Terra, se o não secasse a eterna luz do sol, seria mais profundo que os Oceanos. Mas cada um dos que por mim morreram, nas Forcas ou nos Calvarios, antes de cahir, prostrado, ao olhar-me ainda, converteu n'um grito de saudade, o seu grito de maldição. Pelo meu milagroso encanto, os raios de agonia transformam-se em canticos de graça. E as lagrimas que faço chorar, são mais doces que o mel e mais embriagantes que os vinhos. Eu sou a dominadora dos Mundos! O meu poder methamorphosea as ulceras em rosas. E labios leprosos que eu beije, rejuvenescem sob os meus labios, mais frescos do que as rosas que desabrocham. Os cadaveres levam ainda para a cova o perfume do meu halito nas bocas roxas e o perfume do meu halito vae resuscitar sobre as covas, no calice dos lyrios. Venus victoriosa, vi passar imperios barbaros e civilisações, guerras, cataclysmos, pestes, religiões. Os deuses passaram, e eu fico — pois que, em quanto que elles invocavam a Morte, eu prego a Vida. Religiões surgem, morrem — e eu permanço, no meu poder immortal. Todo o velho mundo pagão, em mim revive. Eu só sobrevivo ás divindades abolidas, sempre triumphante e sempre bella, sob os anathemas e sob os luctos. Esse mesmo que tu invocas, o Christo, ao dar o ultimo gemido no Golgotha, não teve de certo outra saudade da Terra, senão ao lembrar-se que certa mulher, chamada Maria de Magdala, lhe ungiu os cabellos e lhe beijou os pés sangrentos, e palpitou e amou e soffreu por elle, nas languidas tardes da Judeia. Pois eu sou aquella por quem atravez das Edades, expiraram em exthase e adorando-me ainda, as almas escravas dos Homens. Em mim reside todo o Bem e todo o Mal! Reis ou mendigos, santos ou bandidos, a todos dou a beber o

mesmo filtro encantado, feito das lagrimas dos amantes, do sangue dos corações, da treva e do luar das noites amorosas. Eu sou a Eterna Belleza e a Eterna Dor do Mundo!

Absorto, com as mãos contra o peito, o monge escutava. E mais alta, harmoniosa e mysteriosa, como a muzica das aguas, a voz continuou :

— Ama-me! Sacia nos meus labios a sêde secular do Desejo. Os meus labios terão sempre beijos e os meus braços ardôr por mais que me beijes e por mais que me abraçes. Que é que tu invocas, n'este mundo ou no outro, que valha alguma coisa em troca do Amor, que faz brotar flores na aridez da Terra e constelações na aridez do Ceu! Sem o Amor, a vida não é senão o negro e lugubre pezadêlo d'uma noite sem alvorada. Tudo o mais é frivolo e nullo! Deus, a Bemaventurança, a Gloria eterna!... Que é tudo isso? Illusões de cegos, mentiras de creanças. Só a Vida existe! Só pelo poder do Amor, o espirito ephemero dos Homens pode conceber a eternidade do Infinito. O Amor é a luz do sol, o brilho das estrellas, a benção do luar, a alma do inanimado, das Pedras e das Raizes. Eu sou a Luz! A tua alma não conhece senão as Trevas. Olha! Olha em torno de ti! Não vês as arvores, que estremecem, diademadas de flôr, como para um noivado?... Não vês os ninhos, as aguas, as hervas e os montes, a graça dos lyrios et a eclosão das rosas?... Toda essa maravilha da Primavera que renasce, não é senão o poder do Amor que a fecunda. O Amor é a Harmonia do Universo! Desde os astros que evoluçionam no ceu, até aos insectos que vivem debaixo duma pedra-tudo obedece a essa Força immortal e mysteriosa, incessante e diversa. Quando emfim de compostos pela chymica subterranea, a tua carne e os teus ossos se esmigalharem esparsos na poeira d'atomos da Materia : quando emfim liberta do carcere estreito da Forma, a tua alma for juntar-se á vida livre do Globo — resurgirás, porque nada morre, na Natureza. Irás ser cardo, borboleta, pedra do caminho ou folha do arvoredo, Deslizarás, gôta d'agua, na onda das nascentes : ascenderás, na seiva das raizes : voarás, ave, no ar : brilharás, mollecula viva, nas vibrações da luz. E os Planetas e os Astros distantes, continuarão por cima da tua cova, na sua orbita constante, sem saber que tu morreste, sem saber que tu existes!... Ama-me e cinge-me! Eu sou mais forte do que a Morte. N'um só beijo dos meus labios, dar-te-hei venturas mais sublimes que todas as promessas vãs do Ceu. A salvação de tua alma, vale menos do que um sorriso dos meus olhos. A Bemaventurança está no meu seio. A Extrema Uneção é o halito da minha boca. Vem a mim, vem! Beija-me e desvendará o segredo da Eternidade! Beija-me e serás Deus!

Pareceu-lhe que todas as flores o beijavam, n'um delirio de aromas, n'um espasmo de voluptuosidade. Uma onda de sangue escaldava-lhe as veias, invadia-lhe as arterias, dilatava-lhe o coração, como uma onda de seiva ardente. Os sentidos renasciam-lhe, despertavam bruscamente do seu longó somno, n'uma aurora incendiada de desejos. Halucinadamente, fitava a Estatua, — e o deslumbramento que irradiava d'ella, cegava-o. Dir-se-hia que ella avançava, lhe estendia os braços, n'um sorriso que o sol illuminava na sua bocca, como um astro de fogo. Ella vinha, ella vinha!

Ajoelhou-se, extatico. Uma convulsão nervosa o sacu-

dia. Uma a uma, as lagrimas rolavam-lhe pelas faces, como grossas gottas de cêra. E a sua voz gaguejante, murmurava palavras vagas e pueris de delirio, beijos soffregos, soluços tremulos.

— Ah! viver, viver ainda!... ser forte, ser bello e moço! Ver, amar, sentir a vida, possuir a alegria da Vida! Oh! cingir, sugar, beber a sua carne!... Nua!... Beijal-a e mordel-a, nua contra o peito, a arder!..., Morrer e renascer nos seus braços!...

* * *

E quando os Monges, entraram com o sagrado Viatico, quedaram n'um terror de sacrilegio.

Desesperadamente abraçado á Estatua, sob o sol ardente que inundava o Terraço, n'uma allélua d'oiro, ouviram-no gritar, convulso e semi-nu, com os olhos desvaírados, n'uma raiva delirante, n'um pavôr enorme de morrer sem saciar a febre do monstruoso desejo:

— Deus não existe! Só tu existes, ó Mulher! Dá-me os teus labios... Dá-me os teus seios... Quero amar! Quero amar! Quero possuir a Vida! o Amor! a Vida!...

Em vão tentaram arrancar d'ali o possesso que assim blasphemava contra o ceu: Quizeram descingir-lhe os braços. Uma força sobrehumana os petrificara em torno desse corpo nu. Pareciam fazer parte d'elle. Para os arrebatat as seu tragico abraço, seria preciso quebrar a propria Estatua. Mais uma tremura mortal o sacudiu e o rojou de subito, mordendo a terra, n'um grito de revolta suprema:

— A Vida! a Vida!

E os monges viram então, n'um assombro, a Estatua que sorria. Um riso claro agitava-lhe o côlo, cantava em nota de triumpho na sua boca de marmore. Na apothese da grande Natureza em flôr, parecia crescer, encher o ceu, mais alta, enorme, colossal, omnipotente, cobrindo da luminosa alvura do seu corpo de Venus, os tumulos e os ciprestes, no cemiterio que limitava a cêra.

E em torno, o valle profundo, entre os montes escaldando as nuvens, parecia tambem methamorphosear-se, sobrenaturalmente, sob o imperio duma força maravilhosa. Uma vegetação de luxuria rebentava ao sol, n'uma vertigem de orgia, como se um halito ardente de paixão se exhalasse do coração de terra. As Coisas tinham attitudes humanas de desejo. Os pomares erigiam nudezes brancas e roseas, seios de virgens palpitando e arfando, na ancia impetuosa da posse. Ramos verdes crispavam-se, sobre os troncos que se arredondavam como ventres de satyros. Na margem dos prados que estendiam maciezas de leitões, as folhagens dos salgueiros eram cabelleiras verdes de nymphas, espalhadas ao vento. Corólas de sonho desabrochavam nos caules erectos. Braços de silvados cingiram os quadris das rochas, que transpiravam de cio. Pelas sombras cúmplices dos arvoredos cerrados como alcôvas, havia suspiros, gorgeios d'aves amorosas. E todo o vasto Campo, ondulado como um oceano de verdura, se encapelava agora n'um raivoso assalto, contra os muros de pedra do Convento solitario.

Venus emergia, somente, soberana, triumphal, no azul. E o riso da fonte correndo aos seus pés, dir-se-hia crescer, engrossara tambem, hymno grandioso e augusto onde se fundiam todas as vozes da Primavera — murmurios das searas, vibrações das folhagens, sussurros

das hervas, cantos das aves, êchos dos montes. E todas as vozes esparsas e multiplas da Natureza fecunda se traduziam na voz imensa da Estatua, que dizia:

— Eu sou o Amor! Eu sou a Vida! O sonho creado! A verdadeira Fê! Mais forte do que a Morte, eu domino as almas e os astros! O meu poder transforma as ulceras em rosas. A Bemaventurança está no meu seio! Eu sou a Eterna Belleza do Mundo!

N'um pavor sagrado, recuaram os monges, temendo macular os olhos na visão luxuriosa do Pecado. Recitaram exorcismos. Aspergiram-na d'agua benta. Mas ella continuava a sorrir sempre, sob os beijos do sol, oferecendo os seios na eclosão gloriosa da manhã de maio.

Um dos frades, então, foi-se a ella e com um pesado martello de ferro, descarregou-lhe uma pancada contra o seio. E da cavidade do seu tronco, um enxame d'abelhas doirado, ergueu-se e ficou pairando, como em torno d'um cortiço encantado.

De novo lançou o ariete, a toda a força dos braços duros. E a essa segunda pancada, revoadas de borboletas se levantaram, flocos de luz materializada, fluctuando no azul, adejaram sobre o terraço em ruínas, depois partiram n'um vôo cerrado, sobre os cyprestes do cemiterio. E as hirtas arvores de morte, sob essa geada luminosa, logo se transformaram n'um maravilhoso pomar em flôr.

Só á terceira martelada porfim se partiu e rolou do pedestal, a Venus de marmore. Mas em vez d'um gemido, foi uma gargalhada que encheu o valle d'uma musica d'alegria, tilintando no rythmo claro das aguas que corriam sempre, sob a serenidade augusta do Infinito. E no echo d'esse riso triumphal, a Estatua quebrada dizia ainda:

— Eu sou a Vida! Eu sou a Belleza que não morre! Em vão tentareis aniquilar-me. Apenas conseguireis modificar-me, na minha forma transitoria. Parti-me; esmigalhae-me; atirae a poeira do meu corpo ao vento. Resurgirei nos Elementos. Vibrarei nos Atomos. Eternamente viverei na Materia e eternamente dominarei as almas. Eu sou a Vida, eu sou o Amor que não morre jamais!

Mas como se a não ouvissem, a essa vozimortale mysteriosa — que só tem echo no coração dos que amaram e soffreram — os monges voltaram para o convento solitario, de novo tão impassiveis e gelados como o cadaver que levavam, sem verem o sol nem as arvores em flor, d'olhos abysmados no Nada, e com silenciosos gestos que benzião o silencio.

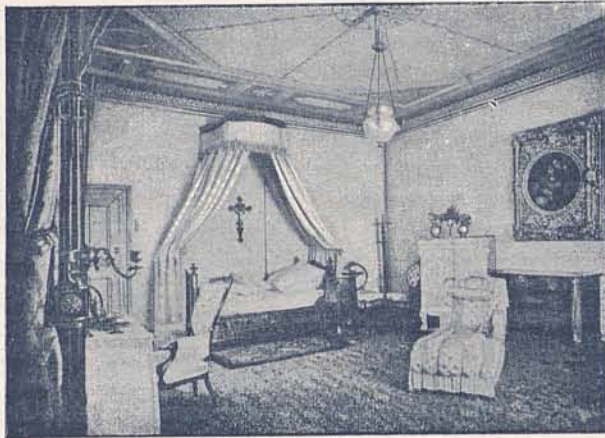
Apenas um ficara imovel, absorto, a um canto do terraço. Era o mais velho, aquelle que dera a volta ao Mundo e á Desgraça, — aquelle a quem todos os beijos tinham outrora sabido a lagrimas de sangue. Um extranho extase nimbava essa livida cabeça de asceta, ha tantos annos vergada para o chão, sob a pezada cruz da Renuncia: — e os seus olhos, amortalhados em sombras claustraes, pareciam emfim descerrar-se, deslumbrados, no esplendôr da Luz.

A chorar e a sorrir, como uma creança, o velho ajoelhou-se entre as ruínas e os cardos do terraço. E erguendo nas mãos postas um calhau disforme, onde a boca da Estatua sorria ainda, levou-a aos labios — e beijou-a.

JUSTINO DE MONTALVÃO.

REIS DA BAVEIRA

O DESTINO parece ter reservado á Baviera uma dynastia de soberanos dementes, transformando n'este ultimo quarto de seculo, a grandesa e o fausto d'essa alegre côrte secular, n'uma



O quarto de dormir no castello de Berg.

lugubre e pavorosa solidão, onde o vulto dos monarchas loucos, revestidos de armaduras passeiam á meia noite nas escuras alamedas dos parques, fazendo cantar operas de Wagner a beira dos lagos selvagens.

Depois da guerra de 1870 em que Luiz II bem contra a sua vontade concorreu para a derrota da França, cooperando valiosamente para a unificação da Germania; retirou-se o soberano na solidão dos seus castellos, conservando-se affastado do mundo e dos negocios do Reino.

Já começava elle a soffrer as consequencias d'essa terrivel enfermidade mental que devia pouco a pouco destruir completamente o equilibrio das suas faculdades. Não mais quiz ver os parentes, nem os amigos e mesmo a sua propria mãe por quem elle tinha uma sincera veneração, foi despresada e detestada pelo infeliz allucinado. Maltratava e brutalisava os seus mais antigos e dedicados servidores e a sua mania do isolamento obrigava os seus ministros e secretarios a receberem as or-



Monumento commemorativo na margem do Lago s onde o rei se afogou.

dens, occultos por traz de uma cortina; tal era o horror que o soberano manifestava pela presença de quem quer que fosse.

A loucura fez de Luiz da Baviera um apaixonado amator do theatro, consagrando quantias extraordinarias para que fosse representado no theatro real de Munich todo o repertorio dramatico, desde o theatro sanscripto; e a essas representações assistia o Rei só, no fundo do seu camarote, em meio de toda a sala mergulhada n'uma completa obscuridade. E de tal modo se identificava com a acção da peça que, muitas vezes finda a representação de uma violenta tragedia, encontravam S. Magestade que acabrunhado pelas fortes sensações continuava tranquillamente assentado na sua poltrona com a cabeça levemente inclinada. O Rei tinha desmaiado!

Fazendo da noute o dia elle galopava em meio de alabardeiros que traziam acesos grandes archotes e d'esse modo visitava acompanhado por essa cavalgada sinistra as mais selvagens florestas do Oberland.

Admirador exagerado de Wagner e das suas operas divertia-se immenso em revestir-se de uma couraça de prata e como Lohengrin, navegava n'uma pequena embarcação arrastada por um cysne empalhado, n'um lago expressamente construido, e onde um mecanismo espe-

cial provocava as fortes oscillações das vagas. No começo de anno de 1886, o ministerio decidio-se a intervir junto ao Rei fazendo-lhe ver o estado desastroso das suas finanças abaladas por essas tão extraordinarias extravagancias e em virtude d'essa intervenção uma crise dynastica não tardou a manifestar-se. No mez de Junho uma delegação composta de tres grandes dignatarios da Côrte, do

presidente do conselho e de dois medicos alienistas partiram para o castello de Hohenschwangana fazendo conhecer ao soberano a sua deposição e a nomeação do principe Leopoldo como Regente. Essa crise teve um desfecho inesperado e fatal.

Luiz II condusido ao castello de Berg ahi chegou na manhã do dia 12 de Junho n'um estado de violenta excitação e já no dia seguinte punha fim a sua triste existencia, afogando-se no lago de Starnberg, sobre as margens do qual elle tanto divertia-se outrora, ouvindo cantar alta noite, as melodias de Lohengrin.

Sobre o seu successor continuou a pairar o mesmo fatal infortunio e com o desaparecimento tragico do rei Luiz, subiu ao throno da Baviera o seu irmão Othon um outro monarcha infeliz e demente. Tres dias depois da catastrophe do lago de Starnberg, o barão de Molsen grande marechal da Côrte e o general barão de Prank, capitão das guardas dirigiram-se á residencia de Fürs-



Otto, actual rei da Baviera.

têrried para annunciar ao príncipe Othon a morte do seu irmão e a sua ascensão ao throno. O príncipe recebeu com toda a calma essa noticia, não pronunciando uma só palavra de compaixão ou saudades pela morte de Luiz II; somente quando esses personagens trataram-lhe de Magestade, a phisionomia do Rei illuminou-se de um sorriso infantil e começou a repetir a principio baixo e depois em voz alta, Magestade... Magestade... Chamando o seu creado particular ordenou-lhe que a começar d'aquelle momento o tratasse de Magestade, repetindo a mesma ordem a todo o pessoal do palacio e, alegre e satisfeito passou os primeiros dias do seu reinado a tocar a campainha constantemente, para que os seus servidores acudindo ao chamado pronunciassem a phrase sacramental « Sua Magestade ordena ».

Muito tempo depois d'este platonico acontecimento o Rei Othon teve por diversos momentos bastante presença de espirito para manifestar um desejo ou uma vontade.

E foi assim que pediu elle diversas vezes a sua partida para Munich, desejando faser a sua entrada de

Soberano, o que foi sempre cuidadosamente adiado pelas pessoas que o cercam.

Completamente isolado no castello de Fürstenried o monarcha não tem em redor de si senão os seus medicos e um limitado numero de servidores.

Othon da Baviera é tratado como rei e como doente com todas as formas da etiqueta e do respeito, e alem dos

tres medicos assistentes que nunca o deixam, recebe cada semana a visita dos professores Grasby e Bauer os mais celebres de Munich para o tratamento das molestias mentaes.

Os seus momentos lucidos tornam-se mais raros de dia para a dia e no seu estado habitual diverte-se como uma creança correndo nos bosques do parque a procura de morangos e fructos, ou então o que é uma das suas distracções favoritas; dá tiros de carabina de uma das janellas do castello; cujos cartuchos naturalmente, são preparados de antemão.

É um grande comedor e entre as suas refeições bebe com prazer muitos copos de cerveja e algumas vezes grandes taças de vinho espumante.

A estes periodos relativamente satisfactorios succedem-se dias de uma grande agitação e completa demencia. Ora, assentado durante horas, parece dominado por uma ideia fixa, ora, gesticulando e gritando desesperadamente acaba por uma terrivel crise de sufocação. Outras vezes em pé, dir-se-hia preso por uma

força desconhecida e victima de um terror phantastico, julga-se na beira de um precipicio onde rola uma tor-



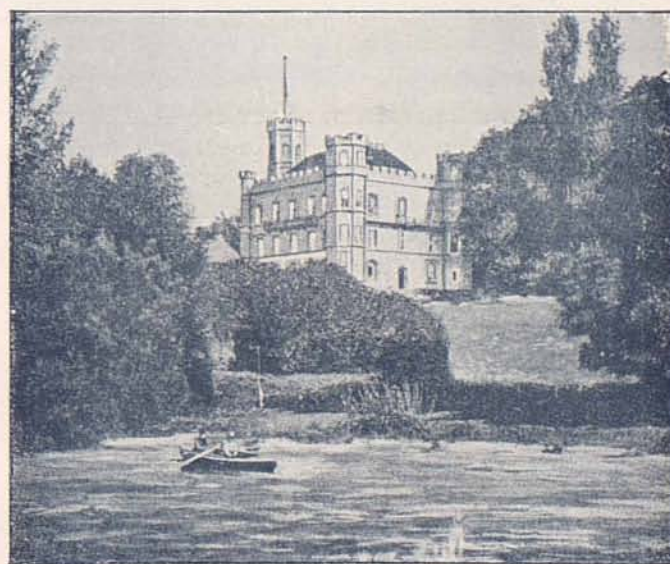
Grande salão do castello de Herbenchiasas.

rente de fogo e recuando espavorido d'esse abismo imaginario, foge pelos corredores do castello tremulo e allucinado.

Desde muitos annos que esconde-se como um selvagem de toda e qualquer pessoa que não seja uma d'aquellas que vive em sua companhia. Em 1889, alguns meses antes da morte da infeliz Rainha-Mãe, ella, foi até a residencia de Fürstenried, tentando ver-o seu filho. O rei Othon saltando uma janella a tres metros de altura foge para o parque, occultando-se por traz das arvores e faser constantemente signal negativo com a cabeça até que a desventurada rainha se affastasse de todo. A partir d'essa epocha nenhum dos parentes não mais tentou vel-o — Othon I da Baviera conta justos, cincoenta annos de idade e desde Junho de 1886, que



O falecido rei Luiz II da Baviera.



O castello de Berg visto do lago.

reina nominalmente sob a regencia do seo tio o príncipe Leopoldo.

MARIO TOLEDO.

BRAZIL E PORTUGAL NOS « SALONS » DE 1898

II

ESCULPTURA

EM Florença — as lojas fechavam-se em signal de lucto quando um artista morria. A bella e gloriosa cidade toscana tinha o culto da arte que tanto ennobrece as almas. A arte é uma religião e uma realza acima de todos os fanatismos e de todas as ambições que, aos varios homens, falla a mesma lingua — a lingua do pincel ou do cinzel, a lingua universal da belleza immoredoira e eterna.

Mas a arte soffre, nas suas manifestações, a dupla influencia da natureza que a inspira e do artista que a interpreta. A configuração do solo, a raça, as tradições e os costumes criam de preferencia pintores ou esculptores ao mesmo tempo que lhe assignalam as tendencias e até mesmo as formulas.

Portugal, o paiz do amor e do mysterio, possui como nenhum outro o genio lyrico de que participam os seus estatuarios e os seus pintores. A esculptura, arte suprema que é a propria idealisação do movimento, vive no



SILVA GOUVÊA. — Beatriz de Portugal.

temperamento portuguez por longos atavismos de seculos e sobretudo ao norte, onde o sôl menos ardente não educa coloristas a raça é excepcionalmente dotada para a representação das formas que, entre nós, se prende, por secretos filamentos, a uma tradição de maravilhas. O cantico do sol que no humido frescor dos valles da terra portugueza cada manhã accorda em ruidos insolitos, seivas e ninhos e faz desabrochar o velludo tepido e sangrento das rosas e voar o setim macio e elyseal das azas, não cerra os olhos ao artista para a visão dos panoramas d'almas, e se a luz crua e viva d'outros climas dota melhor, para a representação do corpo humano e das paixões ardentes, os estatuarios, nenhuma esculptura excede a portugueza, excepcionalmente lyrica, na expressão de amorosa ternura, de saudade, de melancolia, de todas as inefaveis e veladas gradações do sentimento e da tristeza. Depois ainda Portugal tem a alta belleza humana e physica. Vejam ao longo da costa e pelas margens dos brandos rios portuguezes, os nossos pescadores; surprehendam-lhe á hora do meio dia sob a convocante luz do sol que lhes alevante as formas em oiro, o atheletico busto nú, a cabeça vigorosa e firme, o jogar dos musculos retesados na faina rude de impelir os barcos. São estatuas perfectas, bronzes supremos, fundidos d'um só jacto. Olhem tambem as mulheres d'entre Coimbra e Ovar, as dos arredores d'Aveiro principalmente, cuja linha é musical e pura. Contemplem-lhe o busto d'amphora, a revelação divina dos seios erectos como os das Venus, a enrythemia dos quadris, a curva apaixonada do ventre. N'uma mulher do campo perto de Ilhavo vi eu não ha muito uma divina nuca que era perfeitamente grega, tão bella ou mais que a da Aphrodite do Louvre. E como estes é facil aqui e ali encontrar no povo typos que o artista pôde gloriosamente consagrar — como Van-Dyck a encantadora camponeza de Seventhem ou como Raphael a linda padeira de Roma.

Mas um estudo sobre as aptidões artisticas dos portuguezes, que eu vislumbro tão interessante e necessario, levar-me-hia muito longe. Um dia virá, quando incertezas e tormentas de vida me não precipitem a penna forçada a journadar febril e apressadamente sobre todos os assumptos, que o faça. Agora, porém, tracta-se de ser breve e de ir depressa á busca das obras de esculptura dos nossos artistas, atravez d'este immenso hall que, sob a branca luz cahida d'um ceo de vidro, semelha a uma d'essas vastas necropoles onde o gesso, o marmore, o bronze e a argila cantam a vida dos tumulos.

Ao primeiro passo topamos logo com uma linda cabeça de bebê de *Thomas Costa*. O fino e atormentado cantor da linha que, sensual e doce dá aos seus marmores a

carналidade latejante, o movimento e a poesia idealisadora, entregue de alma e coração ao seu bello monumento do infante D. Henrique, só expõe este anno este diminuto marmore. Mas doce como um beijo e pequenina como um avelludado botão de rosa ella é d'um encanto raro de modelamento, d'uma grande macieza de contornos e d'uma epiderme setinea de flôr e faz lembrar Dampf, cuja obra é o triumpho e a graça do baby, a apothose da infancia.

Francisco da Silva Gouvêa, comprehendendo que na religiosidade e na historia teem os artistas mysticos e portuguezes um inexegotavel filão a cavar e uma borbulhante e sempre viva nascente de inspiração onde apagar sedes de infinito e de epico, concebeu atravez das *Saudades* do nosso querido Bernardim a *Beatriz de Portugal*. A nossa prodigiosa galeria historica está pedindo um enamorado chronista com plasticidade e emoção, para gravar no marmore a phisionomia de tantas doces e sublimes mulheres portuguezas desde a fragil e delicada. Ignez á doce rainha Esthephania passando pela Freira de Beja, por Philippa de Vilhena e por Catharina de Athayde. Dé pé, vestida com uma longa saia cuja fimbria toca o chão e deixa ver apenas os pés calçados em agudos sapatos, o corpete aberto no quadrado discreto d'um decote que occulta pudicamente os seios sem elevação e deixa alçar formosa e livre a cabeça, os cotovelos unidos ao busto, a mão esquerda poisada sobre o coração, a direita levantada e retida n'um gesto expressivo, os olhos fitando longe, a bocca semi aberta, Beatriz avança em acção de diser: « Menina e moça me levaram de casa de meus paes para longes terras... »

A estatua é esbelta d'attitude, a cabeça fina e formosa. D'onde vem pois que a impressão que ella nos dá não é a de ser a Menina e Moça de Bernardim, nem sequer a d'uma creatura anonyma, d'uma individualidade sem papel historico mas nada e creada em terras de Portugal? Da circumstancia do seu modelo ser francez e do artista apaixonado por elle ter feito convergir toda a sua attenção sobre as particularidades do seu typo individual. E eis porque não querendo sacrificar á belleza ingenua das feições da modelada á interpretação portugueza deu á figura de Bernardim a alma d'outra raça e á sua poesia o sonho d'outro céu.

O rythmo do marmore é d'uma cadencia harmoniosa e pura e captiva-me a belleza simples e concisa, eminentemente expressiva da figura. Ella tem ao lado de coisas que me férem desagradavelmente: — a secura das roupagens que transmite á imagem um ar frio, o carapuço quinhentista que vae bem aos velhos papas da Renascença mas opprime a cabeça da gracil princeza, e esmagando lhe o penteado em bandos como das figuras do Donatello, lhe dá um ar monacal — outras coisas excellentes. As mãos, por exemplo, são um encanto, uma fina delicia e accentuam, cheias de expressão, discretas, n'um gesto brando, as palavras; as roupagens, tambem, conscienciosamente estudadas caracterisam com propriedade a epocha e, pouco espessas nem sobrecarregam o torso nem deformam a linha do busto deixando aperceber-se dentro d'ellas o corpo, d'uma gracilidade fina e de uma

distincção macia, que ondula e se mexe.

Mas alem das bellezas de interpretação ha que applaudir e muito o artista pela sabia e feliz escolha do assumpto que tractou com amoroso carinho. E ainda elle não fica d'esta vez esgotado, que nenhum artistas se lembrou ainda de dar representação plastica, n'um quadro ou n'um bello grupo de marmore, áquella bella situação, d'uma grandeza pscologica tão superiormente dramatica, de Garreit: — de quando

Beatriz casada e ja duqueza de Saboia, reconhece no mendigo que ao sahir da egreja lhe estende a mão implorando esmola o trovador Bernardim vindo de longes terras para n'ella poisar seus olhos viuvos e então recua o rosto tomado de pasmo de deliciosa e pungente agonia.

Gouvêa é um dos mais curiosos temperamentos d'artista que eu conheço. Descendente em linha recta d'esses ingenios e commovidos estatuarios da idade media que povoavam de figurinhas cheias da alma os nichos das cathedraes, as arcarias dos claustros e mais tarde as creches dos presepios, a sua arte d'expressão, toda decorativa e de mimo, pueril e deliciosa, parece ter herdado do sonho, da graça e da ternura dos adoraveis barristas de Alcobaca. É um miniaturista a quem está reservado na arte portugueza o logar que Desbois, Baffier e Fix Masseur occupam na de França.

Fernandes de Sá, que está em Pariz apenas ha dois annos, expõe um bello grupo *O rapto de Ganymedes*



FERNANDES DE LA — O rapto de Ganymedes.

eminentemente escultural e onde se revela, forte e ampla, uma grande vocação artística.

Sobre a aguia que d'aza aberta, n'um movimento magnifico, voa, Ganymedes, d'uma plastica viril e pouco carnosa como convem ao thema, os braços tenteando, as pernas pendentes procura um difficil equilibrio. No rosto do eplobo o sobresalto vae succedendo á tranquillidade; nos olhos deslumbrados o assombro, o susto e a surpresa já se diluem e somente se lê ainda a inquieta-



Estudo de Cabeça

ção no gesto. A estatua accusa qualidades magistraes de estylo : facilidade no movimento, justeza de porporção, belleza de formas, doçura de contornos, modelamento sobrio, vigoroso e fino e nada n'ella se afasta da linha do conjuncto apresentando a composição um raro caracter d'unidade. Mas mais ainda do que essa harmonia, do que a graça, do que o movimento impresso á materia com tanta naturalidade o que me fere e me encanta na estatua é o sentimento portuguez que d'ella emana.

O Ganymedes que esculpiu não é um garoto voluptuoso, nem um anjo, nem um amor, nem tambem um d'esses *voyous* sentimentaes que tanto se veem pelos museus d'aqui, mas simplesmente um adoravel corpo de creança d'uma rica e limpida forma grega coroado por uma cabeça d'acento portuguez obra d'uma alma d'artista portuguez ligeiramente pantheista e triste. Fernandes de Sá encontrou na realisação d'esta figura o ponto estreito da forma em que a realidade ea idealisação se tocam n'uma medida d'harmonia.

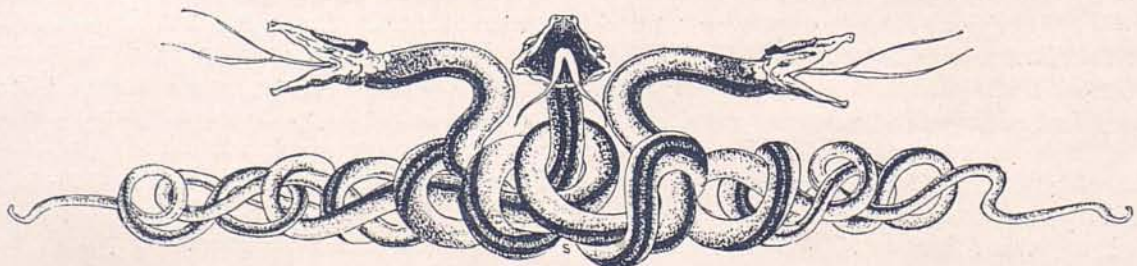
E quer ella seja vista no todo quer apercebida em detalhe, olhada de frente ou de perfil ou a tres quartos, nada perde em belleza. De costas então é admiravel : o porte da cabeça é lindo a anatomia das espaduas bella, os braços perfectos. Á unidade da composição correspondeu a unidade de execucao e assim apesar de amplas as azas da aguia, no seu movimento de vôo, estão intimamente relacionadas com o eixo da estatua.

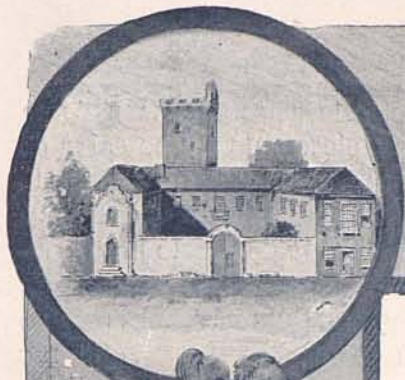
Um reparo teria a faser sobre o motivo da composição e uma censura se não soubesse que o artista partilha complectamente das minhas theorias estheticas. A inspiração no passado, a procura d'um assumpto mythologico não é em Fernandes de Sá a resultante d'essa illusão que leva os artistas para o passado. Sem duvida que os antigos são os mestres, foram elles que escreveram a grammatica das artes, fixaram regras e deixaram exemplos aos quaes, volvidos 3,000 annos recorrem ainda os esculptores de todas as raças e de todos os paizes. Por isso não ha esculptor que não soffra da sua seducção. Mas os que forem dotados de temperamento, capazes de elles proprios crearem, devem contemplar os marmores antigos com recolhimento, elevar em face dos divinos fragmentos o seu espirito, procurar surpreender os segredos de Phidias ou de Praxiteles sobre os inimitaveis restos do Parthenon, quedarem embevecidos e scismaticos ante a belleza sagrada da Victoria, mas serem antes do tudo de si e do seu tempo.

É preciso vir á contemporaneidade. A escultura necessita reproduzir não só como os gregos a alma em repouso, quer dizer a *serenidade* e a *saude* do corpo, elementos em que repousava a estatuaria grega, mas os typos, as almas, e os sentimentos d'hoje, os energicos para cuja expressão os francezes são excellentemente dotados, os doces que os artistas portuguezes fixam como ninguem. O estudo das obras primas da estatuaria grega, como o de todas as obras primas do espirito humano, deve ser feito para elevar as almas para os altos cimos e ali as aclimatar. Mas nunca para subordinar a concepção a uma formula exacta, mondar as seivas pois que não é duravel senão o que é possoal, de acento verdadeiro, commovido e sincero. Porventura não vieram os poetas modernos depois de nutridos de Sophocles mas preocupados da vida cantar as suas proprias dores em uma lingua sua que não aprenderam em parte alguma. Como elles os artistas precisam faser ápello ás proprias faculdades, á alma, para interrogar a natureza e a vida d'onde todas as seivas brotam.

Fernandes de Sá tem esta visão larga da arte. E sonhando uma bella e fecunda obra a realisar, vai instruindo a mão e educando a vista, esculpindo significativas e bellas estatuas como *O rapto de Ganymedes* que o jury do Salon distinguiu com uma menção honrosa galardando as altas aptidões do moço esculptor.

DOMINGOS GUIMARÃES.





a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do n.º 20



PASSEANDO excitadamente pela livraria, agarrando a cada momento o telegramma a que estudara a letra, o papel, as dobras, Gonçalo esqueceu Villa-Clara — até que o ruidoso relógio de charão rouquejou as nove horas. Bem! ainda correria á Villa, de-

sabafar triunphantemente com o João Gouveia! Mas então, atravessando o corredor, percebeu a chuva cerrada e serena que entenebrecia, alagava o pateo, e a que elle, embebido na sua gloria, não sentira o rumor sobre as vidraças, nem nas folhagens dos limoeiros.

— Diabo! Com chuva, não... Paciencia. Aproveito a noite a trabalhar na Novella... Depois, mais tarde, ceio.

E realmente convinha que, antes do delicioso afan da Eleição, findasse a *Torre de D. Ramires*, para contentar o Pinheiro, derramador poderoso de Publicidade — sobretudo para que em Janeiro, ao abrir das Côrtes, elle surgisse na Politica com o seu velho nome já aureolado elegantemente pela Erudição e pela Arte. Logo arrebatado, n'estas esperanças de fama, envergou a quinzena de trabalho, enfiou os chinellos de marroquim, esfregou a testa com agoa de Colonia inspiradora, e á banca, mordicando a rama da penna, remirou e repassou morosamente o começo do capitulo iv — que o não contentava.

Era no castello de Santa Ireneia, n'aquelle dia de Agosto em que Lourenço Ramires cahira no valle funesto de Canta-Pedra mal ferido e captivo do Bastardo de Bayão. Por um almocadem dos peões, que, com o braço varado de estilhaços de virote, voltára em desesperada carreira ao Castello, já o velho Tructezindo conhecia o desventuroso desfecho da lide... — E n'este lance o tio Duarte, no poemeto do BARDO, com um lyrismo molle, mostrava o altivo Rico-Homem gendendo

derramadamente atravez da sala-d'armas, na dôr d'aquelle filho unico, flôr dos Cavalleiros de Ribacavado, assim derrubado, estendido n'umas andas, á mercê da gente detestada de Bayão...

Lgrimas irrepresas lhe rebentam,
Arfa o arnez c'o soluçar ardente...

Ora, seguindo esta interpretação do tio Duarte, tambem elle, nas linhas primeiras do Capitulo, esboçara o velho abattido sobre um escanho, com lagrimas a reluzir nas barbas brancas, as cabelludas mãos inertes — emquanto que, junto aos seus grossos sapatos de ferro, dous lebreus o contemplam n'uma sympathia anciada e quazi humana. Mas agora este choroso desalento não lhe parecia coerente com a alma esplendidamente forte do avô Tructezindo. O tio Duarte, da casa das Balsas, não era um Ramires, não sentia hereditariamente a fortaleza da raça: — e, romantico plangente de 1848, alagara logo de prantos romanticos a face ferrea d'um lidador do seculo xii, d'um companheiro de Sancho I! Elle porém devia restabelecer os espiritos do velho Senhor de Santa-Ireneia dentro da realidade epica. E, riscando logo esse descorado e falso começo do Capitulo, retomou o lance vigorosamente, enchendo todo o castello de Santa-Ireneia d'um irado e rijo alarme. Na sua sublime lealdade Tructezindo não cuida do filho — addia a desforra do duro ultraje. O seu esforço rompe todo a apressar os aprestos da mesnada, para correr elle sobre Montemor, a levar ás Senhoras Infantas os soccorros de que as privara a embuscada de Canta-Pedra!... Mas quando o indomavel Rico-Homem com o Adail, na sala-d'armas, regia a ordem da arrancada — eis que os esculcas, abrigados do calor d'Agosto nos miradouros, avistam ao longe, para alem do arvoredado da Ribeira, coriscos d'armas, e uma cavalgada, em fila lenta, subindo para Santa-Ireneia. O villico, o barbudo Ordonho, galga aos eirados da torre albarrã — e reconhece o pendão de Lopo de Bayão, o seu toque de trompas á mourisca, lento e triste no silencio dos campos. Então arquea as rudes mãos na bôca, atira o alarde:

— Gente de Bayão!... Besteiros, ás barbacans! Homens em chusma para as levadiças da carcova!

E Gonçalo, coçando a testa com a rama da penna, procurava ainda outros brados bem veridicos, de rude som archaico — quando a porta da

livraria abriu cautellosamente, atravez d'aquelle rangido perro e estridente que o desesperava. Era o Bento, em mangas de camisa :

— O Snr. Dr. não poderia descer cá baixo á cozinha?

Gonçalo embasbacou para o Bento, pestanejando, sem comprehender :

— Á cozinha?

— É que está lá a mulher do Casco a levantar um alarido. Parece que lhe prenderam o homem esta tarde... Apareceu ahi por baixo da agoa, com os pequenos, até um de mama, ao collo. Quer por força fallar com o Snr. Dr. E não se calla, lavada em lagrimas, de joelhos com os filhos que é mesmo uma D. Ignez de Castro!

Gonçalo murmurou — « que massada! » Com effeito, não pensara na afflicção e nos prantos da mulher do Casco arrastando os filhos supplicantes pelo portão da Torre! Um escandalo em toda a freguezia enternecida... E elle, nas vespervas da sua eleição, apparecendo, desde os Bravaes até Villa-Clara, como um fidalgo perseguidor e feroz! Atirou a penna furiosamente :

— Que massada! Dize á creatura que me deixe, que se não afflija. O Snr. Administrador amanhã manda soltar o homem. Eu mesmo vou á Villa-Clara, antes d'almoço, para pedir... Que se não afflija, que não aterre os pequenos. Amanhã tem o homem em casa. Corre, dize.

Mas o Bento não despegava da porta, hesitando :

— Pois a Rosa e eu já lhe dissemos... Mas a mulherzinha não acredita, quer pedir ao Snr. Dr.! Veio por baixo d'agoa. Até um dos pequenitos está bem doentinho, ainda não fez senão tremer...

Então Gonçalo, logo sensibilizado, atirou á meza um murro que tresmalhou as tiras da Novella :

— Ora se uma cousa d'estas se atura! Um homem que me quiz mattar! E agora, por cima, é sobre mim que desabam as lagrimas, e as scenas, e a creança doente! Não se pode viver n'esta terra! Um dia vendo casa e quinta, emigro para Oliveira, para Pekin, para onde não haja massadas... Bem, dize á mulher que já desço.

O Bento approvou, com carinho :

— Pois se o Snr. Dr. lhe não custa... E como é para dar uma boa nova... Sempre consola a pobre mulherzinha...

— Lá vou, homem, lá vou! Não me masses! Vocês tambem... Não se pode trabalhar n'esta casa! Outra noite perdida!

Enfiou violentamente para o quarto, atirando as portas, com a idea de metter na algibeira da quinzena duas notas de dez tostões que consolariam os pequenos. Mas, ao rebuscar a gaveta, hesitou, vexado... Com effeito, que brutalidade, compensar com dinheiro creancinhas — a quem elle

arrancara o pae, algemado, para o trancar n'uma enxovia! E agarrou simplesmente n'uma caixa de fructa secca, da famosa fructa secca do Convento de Santa-Brigida de Oliveira, que na vespera lhe mandara Gracinha. Largando do quarto já se arrependia da sua severidade estouvada, que assim desmanchara a quietação de um casal. Depois no corredor, sentindo a chuva clamorosa que dos telhados se despenhava nas lages do pateo, ainda se impressionou mais doridamente com a angustia, o pavor que causara, que impelliam a pobre mulher, com os pequeninos, tresloucada, de noite, pela negra estrada, sob a tormenta de vento e agoa. E ao penetrar no corredor da cozinha tremia como um culpado.

Atravez da porta envidraçada sentio logo a Rosa, o Bento, consolando a mulher, com palradora confiança, quasi risonhos. Mas os « ais » d'ella, os ruidosos lamentos pelo « seu rico homem », ressoavam mais agudos, como a rebater, a abafar toda a consolação. E apenas Gonçalo empurrou timidamente a porta — quasi recuou no espanto e medo d'aquelle dôr estridente que se arremessava para elle e para a sua misericordia. De rojos nas lages, apertando as magras mãos por sobre a cabeça, toda de negro, parecendo mais negra e desolada contra o lençol estendido que secava ao lume vermelho da lareira, a creatura estalara n'um tumulto de supplicas e gritos :

— Ai, meu rico Senhor, tenha compaixão! Ai, que me prenderam o meu homem, que m'o vão mandar para a Africa degradado! Jesus, meus filhinhos da minha alma que ficam sem pae! Ai, pelas suas almas, meu senhor, e por toda a sua felicidade!... Eu sei que o meu homem teve culpa! Ai aquillo foi perdição que lhe deu! Mas tenha piedade d'estas creancinhas! Ai, o meu pobre homem que está a ferros! Ai, meu rico Senhor, por quem é!

Com as palpebras logo humedecidas, Gonçalo balbuciava vagamente, atravez da emoção que estrangulava : — « Oh mulher! socegue, já o vão soltar! Socegue! Já dei ordem! Já o vão soltar! » — E d'um lado a Rosa, debruçada sobre ella, recomeçava com doçura : — « Pois foi o que lhe dissemos, tia Maria! Logo pela manhã, o vão soltar! » E do outro o Bento, batendo na coxa, impaciente : — « Oh mulher, acabe com esse escarceu! Pois se o Sr. Dr. prometteu! Logo pela manhã o vão soltar! » — Mas ella não se calmava, com o lenço da cabeça solto, uma trança desprendida, soluçando, clamando atravez dos soluços : — « Ai que eu morro, se o não vejo solto! Ai perdão, meu rico Senhor da minha alma!... »

Então Gonçalo, que aquelle infindavel, obtuso queixume torturava, como um ferro cravado e recravado, bateu o chinello nas lages, berrou :

— Escute, mulher! E olhe para mim. Mas de pé, de pé... E olhe bem, olhe direita...!

Bruscamente erguida, atirando as mãos para traz das costas como a evitar algemas que também a ameaçassem — ella arregalou para o Fidalgo os olhos espavoridos, fundos olhos negros, de olheiras tristes, que lhe enchião a face morena e secca.

— Bem, perfeitamente! exclamava Gonçalo. E agora diga. Acha que tenho cara de lhe mentir, quando Vocemecê está assim n'essa afflicção? Pois então socegue, acabe com o chôro, que, sob minha palavra, amanhã cedo, o seu homem está solto...

E a Rosa, o Bento, ambos com os braços erguidos, triumphando :

— Pois que lhe dizia a gente, creatura de Deus? Se o Snr. Dr. tinha prometido... Amanhã lá tem o homem!

Ella limpava lentamente uma lagrima, já silenciosa, á ponta do avental negro. Mas ainda desconfiava. — E o Fidalgo mandava com certeza a ordem, cedinho, de madrugada?... — Foi o Bento que gravemente a assegurou da promptidão do Sr. Administrador — enquanto a acomodava ao fundo da cozinha, sobre uma cadeirinha baixa, para desembaraçar o Fidalgo. Mas agora a curiosidade de Gonçalo procurava os pequenos que ella arrastara desde os Bravaes atravez da chuva desabrida. O de mama dormia docemente sobre a tampa de uma arca, onde a boa Rosa o aconchegara com mantas e fronhas. Mas o outro, de sete annos, encolhido junto do lume, por traz do lençol que seccava, seccando também, com a carinha affogueada de febre, tossia, tossia, a cabecear de somno e cançasso, a gemer contra a tosse que o sacudia, mais o esfalfava. Gonçalo palpou a mão com que elle, sem cessar, raspava o seu pobre peito sob a camisa encardida :

— Mas esta creança tem febre!... E você, com uma noite d'estas, traz o pequeno assim desde os Bravaes, mulher?

Da cadeirinha baixa, onde se sentara prostrada, ella murmurou, sem erguer a face, torcendo a ponta do avental :

— Ai! era para que elles também pedissem, que estavam sem pae, coitadinhos!

— Vocemecê é doida, mulher! E pretende talvez agora voltar para os Bravaes, debaixo d'agoa, com as creanças?

Ella suspirou :

— Ai! volto, volto... Não posso deixar sózinha a mãe de meu homem, que tem oitenta annos e está entravada...

Então o Fidalgo cruzou os braços, consultou o Bento, depois a Rosa, no embaraço d'aquella aventura, em que, por culpa da sua ferocidade, se

arriscavam duas creanças. Se a parelha do Torto, n'uma hora larga, podesse trotar da villa, engatar á carruagem... Ou talvez o tio Cosme da Portella emprestasse a carossa e o burro! Mas a Rosa entendia que o pequenino, o de mama, nada soffreria com a caminhada, bem aconchegado ao collo da mãe, debaixo de uma manta grossa. Agora o outro, com a tosse, com a febre...

— Oh, esse fica cá! exclamou logo Gonçalo, decidido. Como se chama elle? Manoel... Bem! O Manoel fica cá. E vá descansada, que a Sra. Rosa toma cuidado. Precisa uma boa gemada, depois um bom suadoiro. Um d'estes dias lá lhe apparece nos Bravaes curado, mais gordo... Vá socegada.

De novo a mulher suspirou, no cançasso immenso que a invadira, a vergava. E sem resistir, no seu longo habito de muda submissão :

— Pois sim senhor, se o Fidalgo manda, está muito bem...

E como o Bento, entreabrindo a porta chapeada do pateo, annunciava uma aberta, o negrume á levantar, Gonçalo apressou logo a volta aos Bravaes :

— E não tenha medo, mulher. Vae um moço da quinta com uma lanterna, e um guarda chuva para abrigar o pequeno... Escute! Vocemecê até podia levar uma capa de borracha!... Oh Bento, corre, traze a minha capa de borracha. A nova, a que comprei em Lisboa...

E quando o Bento desceu com o vasto « Mackintosh », o lançou sobre os hombros da mulher callada, toda intimidada dentro do negro estoffo que rugia, n'um rico rugido de seda — foi na cozinha uma divertida risada. O pranto passara, como a chuva. Agora era uma visita que findava n'um alegre arranjo d'agalhos. A Rosa apertava as mãos, banhada de gosto :

— Assim é que Vocemecê fica uma bonita Madama, hein!... Se fosse de dia, olhe que se juntava gente!

E a mulher sorria emfim, descoradamente, sem interesse :

— Ai nem sei que pareço!... Que avantesma!

Atravez do pateo terreo, onde as accacias gottejavam docemente, Gonçalo acompanhou o rancho até á porta do pomar, gritando ainda — « Agalhem bem o pequeno! » — quando já a lanterna do moço se fundia na noite acalmada e soturna. Depois, na cozinha, batendo sobre as lages as solas dos chinellos encharcados, apalpou novamente o Manoelsinho que adormecera, estafado, abraçado ás costas da cadeira, arquejando, n'uma rouquidão lenta.

— Tem pouca febre... Mas precisa um suadeiro forte. Olhe, Rosa, o melhor quarto para o accommodar é ao pé do Bento, o quarto verde, onde está

a cama de pau preto. O Bento tem o somno leve, se o pequeno de noite berrar... E antes de o cobrir bem, um leite quente, quazi a ferver, com cognac. O que elle precisava tambem era lavado, esfregado a côco... Que porcaria de gente! Emfim fica para mais tarde, quando se curar... É agora, oh Rosa, mande a cima alguma cousa para eu cear, cousa solida e seria, que não jantei e o sarau foi tremendo!

Na livraria, depois de mudar os chinellos molhados, Gonçalo escreveu logo ao Gouveia a carta que um moço levaria de madrugada a Villa-Clara, reclamando, com redundante urgencia, a liberdade do Casco. E acrescentava: — « É o primeiro pedido que lhe faz o deputado por Villa-Clara (comprimente!) — porque acabo de receber telegramma do nosso querido André, annunciando que « tudo feito, ministro concorda, etc. » De sorte que precisamos communicar! Queira pois vossa mercê vir jantar amanhã a esta sua Torre, á sombra do Titó e com acompanhamento de Videirinha. Estes dous benemeritos são indispensaveis para que haja appetite e harmonia. Rogo pois, Gouveia amigo, que os avise do festim, para me evitar a remessa de circulares eloquentes ».

Lacrada a carta, retomou languidamente o manuscrito da Novella. E, comendo a rama da penna, ainda procurou gestos e vozes, de bom sabor medieval, para aquelle lance em que o Villico e as roldas avistavam a cavalgada do Bastardo, a galgar a encosta, com refulgidos d'armas, ao grande sol d'Agosto...

Mas a sua imaginação, desde a carta escripta ao Gouveia pelo « Deputado de Villa-Clara — » esvoaçava teimosamente para os lados de Lisboa, toda arredia e enfasiada da antiga Santa-Ireneia. Só encontrou para o Adail este gasto brado — « Às armas, pelo Ramires! » E o eirado da torre albarran incessantemente se desfazia como nevoa molle, para sobre elle surgir, appetitoso e interessante, um quarto do Hotel Bragança com varanda sobre o Tejo... Foi um allivio quando o Bento o apressou para a ceia, porque a « omelet-tazinha » arrefecia. E atravez da omelette, da vitella fria, do Alvaralhão, do café — a imaginação teimou em esvoaçar por Lisboa, pelo largo das Côrtes, nos corredores de S. Carlos, entre as arvores da Avenida, parando ás vezes deante de perspectivas que elle considerava com um riso deleitado e mudo, embrulhadas no fumo do cigarro. Tomaria certamente uma carruagem da Companhia. Não era uma despeza, por trez ou quatro mezes — antes uma economia. Depois que aceio! E adoptaria, para S. Bento, sobrecasaca, luvas cõr de perola, uma flor no peito. Sim, que muito concorrera para o descredito do Parlamentarismo a rabona relles dos Parlamentares!... A unica mas-

sada em Lisboa seria frequentar, por dever e disciplina, a casa do seu chefe, do S. Fulgencio, o horrendo careca — e da descarnada S. Fulgencio, toda caiada e cacarejante!... E levava o Bento para Lisboa, com casaca nova.

Justamente o Bento entrava a preparar a « chasada » — que, todas as noites, desde os estudos, deixava á cabeceira do Snr. Dr. e que o Snr. Dr., desde os estudos, nunca bebera.

— Deste a carta a um moço?

Ao Joaquim — recommendando que logo cedo, ás seis horas, corresse a Villa-Clara, a casa do Snr. Administrador. E o pequeno do Casco já dormia regaladamente.

— Ah, o Manelzinho... Está socegado, hein?... Vamos ver esse cavalheiro!

E Gonçalo tomou um castiçal, subio ao quarto verde com o Bento, sorrindo, abafando logo os passos pela estreita escada. Junto da porta, n'um rico e desbotado camapé de madeira dourada e damasco verde, a Rosa dobrara carinhosamente a roupa trapalhona do pequeno, o collete esgaçado, as calças enormes, só com um botão. Na parede, forrada de papel verde cujas flôres adamsadas se sumiam, aos lados do leito de pau preto, tocando os postes torneados, negrejavam dous paineis, retratos de antigos Ramires, um Cardeal obeso de grossa penca, folheando um folio, e um Cavalleiro de barba ruiva, appoiado á espada, hirta na sua couraça sobre que se afoufava um laçarote de rendas. E nos vastos colxões o Manelzinho ressonava quietamente, esmagado sob a espessura dos cobertores, já humedecido por um suor fresco.

Gonçalo, caminhando sempre de leve, repuxou cuidadosamente a dobra do lençol. Desconfiado das janellas velhas, mal juntas, experimentou que não entrasse ar pelas gretas. Mandou pelo Bento buscar uma lamparina, que arranjou sobre uma cadeira, com a luz esbattida por traz d'uma vazilha. Ainda attentamente relanceou os olhos lentos pelo quarto, para se assegurar do socego, do silencio, da penumbra, do conforto. E sahio, sempre na ponta dos pés, sorrindo, deixando o filho do Casco velado pelos dous velhos Ramires, o Bispo com o seu vasto tratado, o Cavalleiro com a sua rija espada.

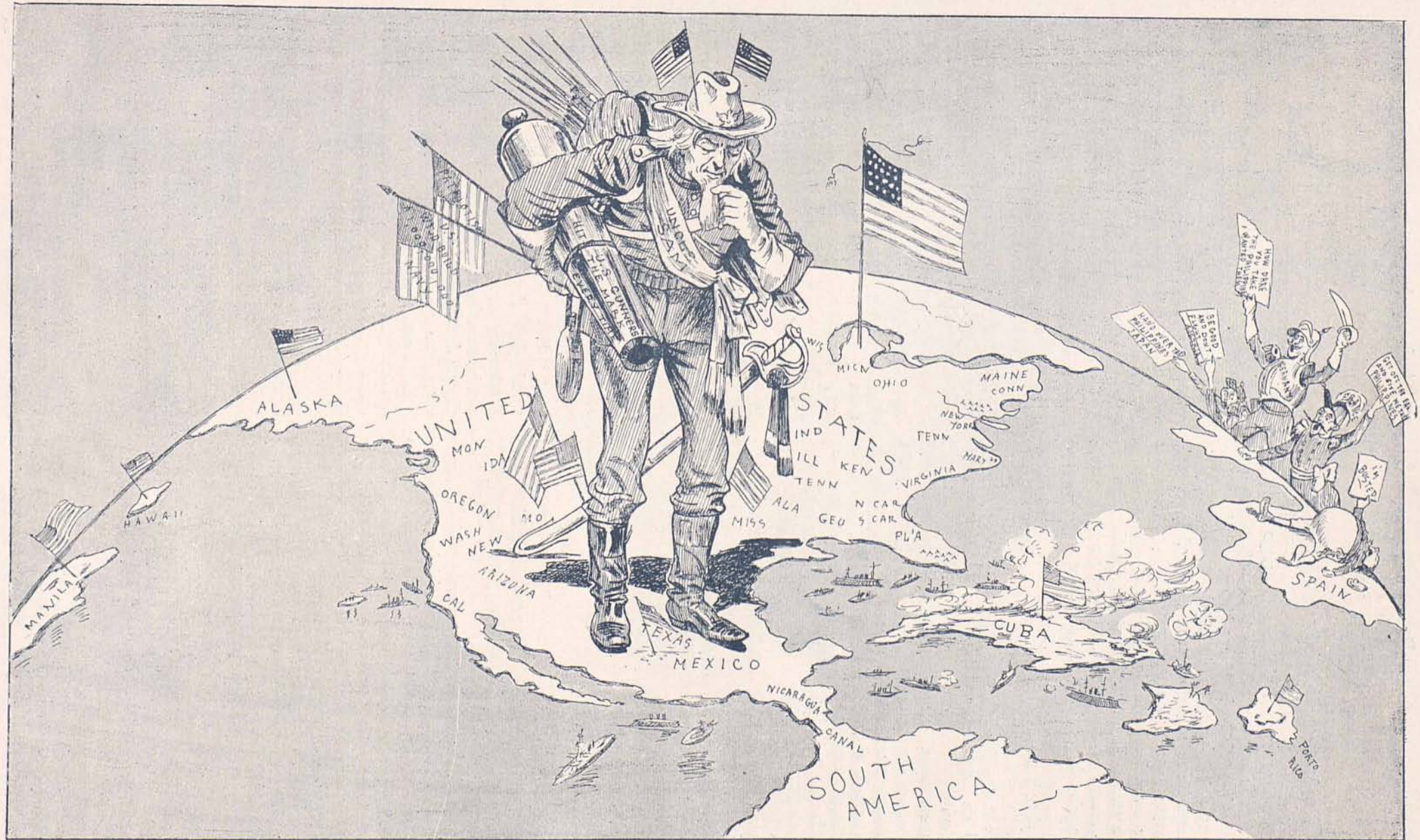
E, logo pela escada, a imaginação novamente, com um vôo soffrego, lhe fugio, para Lisboa. No derradeiro degrau parou, murmurando:

— Sim, com effeito, já estou em Lisboa no primeiro do Anno... É dia de presentes... Mando um ramo ao estafermo da S. Fulgencio... Flores perdidas, n'um tal monstro!... Mas que diabo, desde que sou da maioria!

(Continúa.)

EÇA DE QUEIROZ.

AS INTENÇÕES DOS ESTADOS-UNIDOS



(Do Judge, de New-York.)

A CARICATURA AMERICANA

Os Estados- Unidos não tendo já onde arvorar as suas bandeiras procuram o caminho da America do Sul

Duas artistas

NA pittoresca aldeia de Byrtow a beira do poetico lago Erichl, na Escossia, vivem ha muitos annos, na serena tranquillidade do campo e no feliz aconchego de uma real affeição os sexuagenarios esposos Conrado e Elisabeth Morrys. Não possuindo grandes riquezas e deshabitados de todo o luxo e dispendio entretem esse feliz casal a sua modesta existencia pela exploração de uma pequena propriedade que, cheia de flores e arvoredos, cerca alegremente o pequenno *cottage* sempre verde pela era secular que em abundancia cobre-lhe os muros e os terrassos. Pequenos rebanhos pastam na relva da planicie que vai morrer nas fraldas da montanha de Benalder, onde existe a tão celebre gruta que deu refugio a Carlos Eduardo depois da batalha de Cullodne.

Duas creanças, bellas como cherubins, com os seus longos cabellos de um louro ideal soltos ao vento, ahí cresceram correndo pelo vasto jardim e enchendo de alegria a poetica vivenda escosseza. Edith e Hellena completavam a felicidade dos seus paes provocando a admiración dos amigos da familia, que sempre as estimaram como dous seres perfectos e completos; e quando o momento de separação chegou Conrado e Elisabeth tiveram o supremo consolo de chorar em companhia de toda a aldeia, a partida das duas meninas para um collegio de Edimburgo.

Tinham ellas doze e quatorze annos quando deixando a pittoresca habitação de Byrtow dirigiram-se para a grande cidade da Escossia, trocando a liberdade do bello campo, e as excursões sem fim das margens do Elrich por uma vida de reclusão e de trabalho. Desde os primeiros annos de escola revelaram as duas irmãs uma natural vocação para a musica e no collegio de Edimburgo dedicaram-se ao estudo do piano fazendo em limitado tempo, extraordinario progresso na interpretação dos grandes mestres.

Quatro annos mais tarde partem para Londres e entram no real conservatorio, sendo classificadas na mais alta cathogoria das discipulas premiadas, e alguns mezes depois apparecem pela primeira vez em publico, tocando num concerto de beneficencia dado no Palacio de Christal em favor das victimas da fome na India.

A impressão causada pelas jovens pianistas foi a mais lisongeira e a ovação que lhes foi feita pelo elegante e numeroso publico, marcou o primeiro e justo successo colhido pelas irmãs Morrys, abrindo-lhes as portas da grande sociedade Londrina. Convidadas e disputadas pelos mais nobres salões não mais lhes faltaram applausos

e riquezas que fiseram de uma vez para sempre a gloria e a posição das filhas de Conrado e Elisabeth.

Durante as festas de Chicago partiram ellas em companhia dos seus, para a America do Norte comprometendo-se a tocarem em duas reuniões no Salão dos Concertos da Exposição e n'uma terceira em New-York no theatro da Opera. Essa viagem foi uma serie de successivos triumphos e a sociedade americana, sempre prompta a parodiar os salões de Londres, distanciou pelas finesas e magnificencias, o acolhimento que ellas já tinham provocado, do outro lado do Oceano.

Em janeiro de 1895 corriam alegres e divertidas as recepções de inverno em 'New-York e nos palacetes dos millionarios da quinta avenida as dansas e os cotillons succediam-se sem interrupção. No meio desse turbilhão de mulheres adoravelmente bellas sobressahia a bellezã plastica rodeada de uma candida simplicidade das artistas escossezas; provocando a admiración geral e grupando em torno d'ellas uma serie de pretendentes, rapazes elegantes, exageradamente correctos e pertencentes á mais fina aristocracia do dinheiro.

No começo da primavera Edith e Hellena apresentam-se pela ultima vez em publico, to-

mando parte n'um grande concerto em Madison Square Garden e semanas depois as duas irmãs annunciam oficialmente os seus casamentos, realizados no mesmo dia na cathedral de S. Paulo em New-York, fechando esse ruidoso e mundano acontecimento as brilhantes festas da estação.

Edith casada com um director e proprietario de grandes fundições em Philadelphia, installa a sua habitação numa principesca vivenda em Albermore Park, em quanto que Hellena tomando com o seu marido o caminho da California, dirigem-se para S. Francisco onde um deslumbrante palacio da Avenida Van-Hess espera a bella recém-casada e o seu feliz companheiro, um riquissimo armador d'essa cidade.

A belleza das irmãs Morrys foi conhecida de toda a Inglaterra e a gravura que junto damos é a reproducção de um celebre quadro que representa as duas artistas como um modelo ideal de bellissimo estudo de cabeças.

Conrado e Elisabeth não se habituaram á vertiginosa vida do Novo Mundo e despresando sem affectação as grandes riquezas das filhas, vieram tranquillamente viver no modesto *cottage* a beira do poetico Erichl, com a consciencia bem tranquilla e feliz de quem com honestidade concorreu sinceramente para o completo successo do futuro de suas filhas.



Edith e Hellena Morrys

NOTICIARIO ILLUSTRADO

O Presidente Crespo.

UM telegramma de Caracas annunciou já ha algum tempo que o ex-presidente Crespo que entregou o poder em fins de feveireiro ultimo ao



general Andrade foi morto em um pequeno combate com grupos de rebeldes, recrutados no interior pelo general Hernandez um candidato infeliz nas ultimas eleições presidenciaes.

O general Crespo, cuja fortuna politica começara com a presidencia Guzman Blanco, tinha sido escolhido por este para substitui-lo durante os periodos em que a Constituição não permittia a reeleição immediata do chefe do Estado, que acabava de exercer o poder. Este substituto cujo principal papel devia ser limitado ao de executor das instrucções do general Guzman Blanco enquanto o mesmo viajava na Europa; não demorou em emancipar-se d'essa tutela e contribuiu bastante para acabar esse regimen de autocracia que exercia em toda a Venezuela o seu successor.

Mais tarde, em 1892 o general

Crespo tendo deixado o poder tomou as armas contra o presidente Andueza Palacio e fez-se eleger em seu lugar. A sua presidencia foi bastante tranquilla e quando passou-a ao general Andrade, cuja eleição elle proprio presidira, teve o cuidado de se faser eleger governador do Estado de Miranda, o mais importante de Venezuela, posto que lhe permittia de continuar a exercer uma especie de fiscalisação e d'ascendente sobre o governo da Republica.

O general Hernandez, candidato da opposição contra o general Andrade pretendendo que as eleições tinham sido arbitrariamente feitas pelo general Crespo, começou desde feveireiro ultimo a recrutar partidarios no interior para uma sublevação.

O general Crespo poz-se immediatamente em marcha com alguns batalhões para suffocar essa tentativa e foi n'um d'esses encontros sem nenhuma importancia, que por uma desastrosa coincidência elle foi morto.

Buffalo-Bill.

O CELEBRE aventureiro coronel Cody, geralmente conhecido pelo nome de Buffalo-Bill; empresario de um grande circo que tem obtido enorme successo nos Estados-Unidos, Londres e Pariz conseguiu alistar-se como capitão de cavallaria no exercito americano que está invadindo Cuba.

A vida de Buffalo-Bill é uma das mais aventureosas e originaes que existem e o seu apellido provem de uma grande mortandade de Buffalos que elle executou para dar cumprimento a um contracto de fornecimento de carnes aos trabalhadores da estrada de ferro Kansas Pacific. Filho de boiadeiro e boiadeiro elle proprio tinha ao seu serviço um grupo destemido de *cowboys* com os quaes matou cinco mil d'esses animaes em dous annos. Deixando por algum tempo o laço e a carabina faze-se eleger deputado pelo Nebraska. Acabadas as suas funcções legislativas, incorpora-se como official no exercito das fronteiras encarregado de impedir as excursões dos indios Sioux. Foi n'essa guerra de escaramuças que elle realisou a sua

mais alta façanha matando um grande chefe dos pelles-vermelhas. N'um dos encontros que a frente do seu batalhão teve com os indios, o coronel Cody vio um bello guerreiro sioux ricamente vestido e armado de uma carabina Winchester, avançar deante dos seus e apostrophal-o de longe: « eu sou um grande chefe, disia elle, e tenho morto muitos rostos-pallidos; eu sei que o homem de cabellos cumpridos é tambem valente e tem tambem morto muitos pelles-vermelhas, que elle venha pois combater contra mim » :

Buffalo Bill adeantou-se immediatamente aceitando o desafio e dirigindo-se aos seus soldados e aos indios exclamou: « que os homens brancos e os homens vermelhos conservem-se a grande distancia para ver combater dous chefes »; e enquanto as duas pequenas tropas contemplavam com interesse e anciedade, o coronel Cody e o guerreiro Sioux atacam-se com desespero descarregando simultaneamente as carabinas.



Os dois cavallo cahiram mortos. Buffalo Bill levanta-se de um salto descarregando um segundo tiro contra o chefe indio que cae baleado. Não

dando-lhe tempo de levantar-se, enterra-lhe no peito a sua faca de boiadeiro e agarrando o seu penacho de cabellos ornado de uma pena de aguiá, distinctivo de chefe, escalpella-lhe com grande habilidade, mostrando com alegria aos pelles vermelhas e aos soldados a tufa ensanguentada do guerreiro Sioux que chamava-se *mão amarella* filho do *nariz cortado*.

Ha muitos annos que Buffalo Bill não se occupa senão da exploração do seu grande circo e vamos ver se a campanha de Cuba proporeionará a esse aventureiro e laçador de profissão as mesmas facilidades que elle tem tido para realizar as suas espectaculosas proezas.

Don Luiz Cadarso.

A este heroico marinheiro hespanhol que morreu commandando o cruzador *Maria Christina*, na batalha de Cavite, consagramos as seguintes linhas resumindo a sua brilhante carreira e descrevendo a sua bella morte sobre o tombadilho do seu navio em chammas.

Don Luiz Cadarso depois de ter feito muitas viagens á volta do



mundo, foi promovido ao posto de commandante em 1895. Quando sobreveio o celebre conflicto das ilhas Carolinas entre a Hespanha e a Allemanha aquellas ilhas foi elle mandado, reprimindo a insurreição e restabelecendo promptamente a paz. Pouco tempo antes de começar a actual guerra teve de soffrer uma dolorosa operação n'um dos hombros e os medicos prohibiram-lhe de embarcar

antes de um restabelecimento completo.

Mas o digno marinheiro a nada attendeu indo sem mais demora tomar o commando da *Maria Christina* onde seu filho Demetrio servia como official.

Logo ao começo da batalha de Cavite, Cadarso comprehendeu a gravidade da situação e declarou « a esquadra de Manilha vai ser destruida mas não arreará a bandeira d'Hespanha » e dando ordem de avançar atirou o velho cruzador hespanhol contra o navio em chefe dos americanos o *Olimpia* com a firme tenção de abordo-o e tomal-o de assalto, uma vez que impossivel seria lutar de outro modo. Mas a poderosa e rapida artilharia americana desprezando os outros navios, convergio todo o seu fogo destruidor contra o *Maria Christina* envolvendo-o n'uma chuva de metralha e de fogo ateadado pelas bombas explosivas.

Poude-se então presenciar o grandioso e heroico espectaculo da nau espanhola envolvida em chammas, balançando sobre as ondas num tragico e supremo esforço para avançar; a guarnição sempre a postos fazia fogo sem cessar e no tombadilho lavado de sangue e juncado de mortos, Demetrio Cadarso com a cabeça ensanguentada e ferida por uma granada, sustentava o corpo de seu pae que acabava de receber em pleno peito um estilhaço de metralha. Moribundo e arquejante elle mostrava aos seus marinheiros o grupo negro dos navios inimigos, exclamando n'um esforço derradeiro « Avante meus filhos... » Uma nova descarga, varrendo o tombadilho cortou-lhe as ultimas palavras dando assim á Hespanha mais um sublime heroe.

A origem de uma grande nobreza.

ACABA de fallecer na Inglaterra o duque de Saint-Albans uma das mais antigas e illustres familias, cuja nobreza data de 1547 e cuja historia é originalmente contada por um dos magazines de Londres.

No anno 1564 passeiava pelas ruas do Strand uma rapariga vagabunda, conhecida em todo o quarteirão pelo nome de Nell Guyn.

Tendo apenas quatorze annos de idade ella abandonava a mãe estabelecida com uma pequena leitaria em

Pip Wellane e seu pae, alcoolico inveterado morto no hospital mezes depois.

A mãe desgostosa pela conducta da filha atira-se n'uma noite ao Tamisa sendo na manhã seguinte pescada pelos bateleiros da Alfandega em frente das docas de Chelsea.

Nell Guyn ganhava difficilmente a



Nell Guyn.

vida vendendo laranjas nas portas dos theatros; e n'esse suspeito commercio, conheceu ella uma legião de protectores da mais baixa e peor classe que disputavam as suas caricias a força de *bozs*.

Alguns mezes mais tarde a convite do porteiro do Royal Theatre que lhe facilitou um lugar de corista a pequena vendedora de laranjas começa a sua carreira theatral n'uma tragedia intitulada « Imperador das Indias ».

Quatro annos depois figurava ainda bem modestamente nos programmas do Dorceb Gardens Theatre onde mais tarde encontrou, ao mesmo tempo, o seu extraordinario successo e a sua admiravel fortuna.

Foi ali na verdade que ella foi vista pela primeira vez por Carlos II, rei da Inglaterra.

Os contemporaneos parecem estar de accordo concedendo-lhe um verdadeiro talento e a arte nos conservou inalteraveis testemunhos da sua belleza. Londres possui tres dos seus retratos no Garrick Club, no museo de Hampton e na National Gallery. Este ultimo é devido ao pincel do grande pintor Lely. Todos tres nos apresentam a heroina d'esta historia como extraordinariamente bella e de uma singular semelhança com a Venus de Mercié que figura no museo

do Luxemburgo; um rosto intelligente e voluptuoso ao lado de uma encantadora phisionomia.

Artista de talento ou não, foi ella a primeira mulher que pisou sobre a scena na Inglaterra, onde, até essa epocha os papeis femininos eram representados por interpretes homens, cujo phisico, mais se apropriava aos mesmos.

Sua aventura com Carlos II teve um certo encanto produzido pela galante improvisação. O rei a contempla do seu camarote, manda-lhe duas palavras pelo seu escudeiro, e obtem a graça de ceiar em sua casa; acabado o espectáculo a conduz na sua equipagem e só no dia seguinte pelas nove da manhã retoma o caminho da real morada. Uma multidão tinha acompanhado o soberano até á casa da popular artista e uma multidão ainda mais consideravel o esperava pela manhã deante da porta para o escortar até o palacio.

A população de Londres festejou esse novo amordo Soberano, na esperança que a influencia de Nell Guyn causasse a queda da antiga protegida do rei, a duquesa de Portsmouth, bastante impopular e malquista.

Quando a preferida encontrava em passeio a sua rival ella nunca hesitava de amotinar a população contra a

duqueza, cobrindo-a das mais grosseiras expressões tiradas do seu repertorio de antiga vendedora de laranjas. Madame de Portsmouth foi supplantada e por ordem do rei foi obrigada a partir de Londres.

Foi n'essa occasião que Carlos II comprou no alto da collina de Hampstead uma vasta residencia campestre que tinha sido construida no anno antecedente por lord Landerlale e que até hoje existente é conhecida pelo nome de *Landerdale house*. D'este verdadeiro castello cercado de um immenso dominio disfructa-se um bellissimo panorama da cidade de Londres e as tres grandes janellas ogivaes do primeiro andar que da estrada que vae de Finchley a Hendon pode-se facilmente contemplar; eram as do quarto de dormir da formosa Nell a protegida do rei.

Foi justamente sobre o balcão da janella central que passou-se a original scena, da nomeação do primeiro duque de Saint Albans.

Nell Guyn foi na verdade a creatura de um genio violento e infinitamente seductora tal qual a descreveu Madame de Sevigné; ella tinha dado a Carlos II dois filhos e mortificava-se bastante por ver, que o soberano recusava-se a reconhecelos officialmente.

Uma manhã que o mais velho, Carlos, acabava de completar seis annos de idade ella intimou-o terminantemente, de reconhecel-o e dar-lhe um titulo.

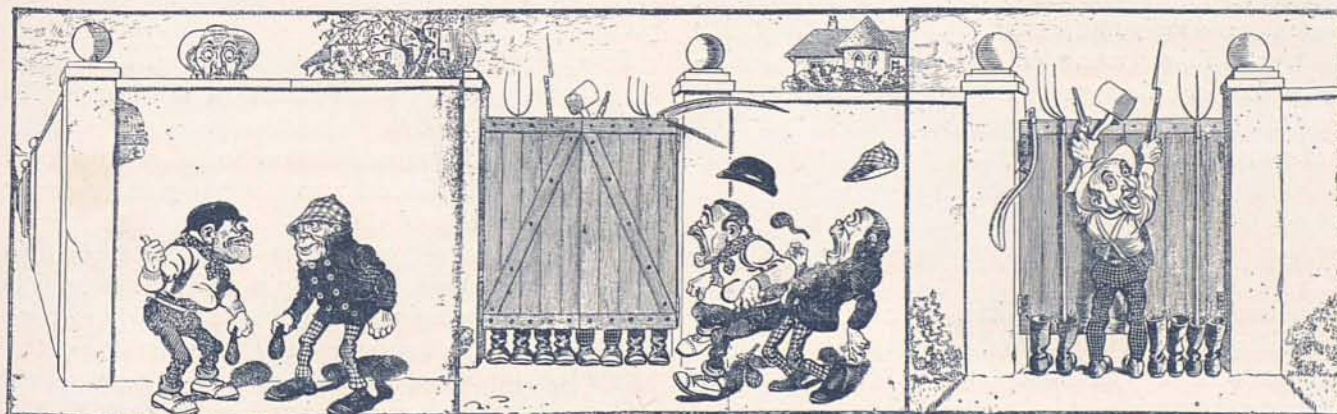
O rei levantando os hombros, voltou-lhe as costas; n'esse momento a artista levada pela colera, abre a janella e agarrando a creança pelos braços suspende-a por cima do balcão e cheia de energia diz ao seu protector: « Depressa, Sire, escrevei e assignai; pois de outro modo prefiro quebrar-lhe a cabeça nos lagedos do pateo.

Carlos II precipita-se sobre uma escrevaninha cumprindo a intimação de Nell, enquanto que a mesma conservando o louro menino sempre suspenso no espaço, voltava o rosto para ver se o rei lhe obedecia. O filho da pequena vendedora de laranjas foi immediatamente reconhecido e nomeado barão de Heddington, conde de Burford e mais tarde duque de Saint-Albans. Uma vez que o passo mais difficil estava dado o segundo foi com facilidade reconhecido e tambem nobilizado.

Nell Guyn morreu aos quarenta e cinco annos de um violento ataque de apoplexia. Ella não sabia nem ler nem escrever.

REPORTER.

HISTORIA COMICA



Uma propriedade bem defendida.

SPORT

OS TREZ GRANDES PREMIOS DE PARIS

A GRANDE SEMANA foi este anno uma das mais brilhantes sob o ponto de vista mundano e uma das mais interessantes no que diz respeito ao sport.

Como no anno passado, as victorias das tres grandes corridas couberam o cavallos francezes que bateram brilhantemente os adversarios que do outro lado da Mancha tinham vindo disputar os grandes premios das sociedades francezas.

Este anno, os cavallos inglezes não coseguiram nem sequer um logar honroso n'um dos tres concursos, ficando todos em posições d'*outsiders* inexplicaveis até certo ponto para concorrentes que no estrangeiro representam o melhor, da *elevag e* britanica.

No Grand Prix de Paris em Longchamps o cavallo inglez que forneceu melhor corrida, ficou ainda assim setimo na ordem da chegada, atraz mesmo de cavallos que em recentes provas tinham mostrado não terem a envergadura necessaria para disputar taes premios.

Estes resultados que muito honram os proprietarios francezes são máis uma prova irrefutavel dos progressos que n'estes ultimos annos têm realisado as grandes sociedades de *sport* n'este paiz tendo conseguido, pelo apuramento das raças realisar typos absolutamente perfeitos taes como *Roi-Soleil e Gardefeu*.

DERBY DE CHANTILLY : PREMIO DO JOCKEY-CLUB

No domingo 29 de Maio realisou-se em Chantilly a primeira das tres grandes corridas, aquella que pela belleza do hypodromo e pelas tradições que ficaram do tempo do duque d'Aumale attrahe a sociedade mais elegante, de Paris.

O tempo que na vespera ainda se mostrara triste e chuvoso, desanuviou-se completamente durante a magnifica reunião e o sol que tão raro tem sido este verão veio alegrar o formoso sitio de Chantilly e realçar o

brilho das luxuosas e variegadas toilettes que graciosas mundanas estreiavam n'esse dia.

A corrida foi tambem uma das melhores e das mais interessantes que se podia desejar. Raramente concorreu a este premio um grupo tão escolhido de concorrentes.

O grande favorito Cazabat, um dos mais completos typos do cavallo de corridas francez, disputava o premio a outros animaes de não menor valor taes como: Le Sabreur, Gardefeu, Dax e Madrid.

Todos estes cavallos tendo ganho varias corridas de 3.000 metros, isto é de percurso igual ao de Chantilly, em condições magnificas de *entrainement*, promettiam uma renhida lucta e um final do mais alto interesse e sensação.

Com effeito, poucas vezes se tem visto nos hypodromos europeos uma lucta tão sensacional.

Logo que o starter deu o signal da partida, o pelotão gallopou rapidamente com velocidade extraordinaria. Via-se que os concorrentes todos de valor procuravam obter desde o começo logares vantajosos e seguros.

Pouco a pouco Cazabat, Dax e Le-Sabreur tomavam a dianteira e ao entrar na linha direita a sorte da corrida parecia pertencer a estes trez cavallos.

Gardefeu que ficara muito atraz no primeiro gallope, avançava admiravelmente sem contudo parecer querer tomar um bom logar á chegada.

A cincoenta metros, porem, do *poteau*, o esplendido animal, que ja no premio Loupin assim batera o *Roi-Soleil*, por um prodigio de agilidade alcançou em duas ou trez gallopadas Cazabat e Dax que levavam a deanteira e bateu-os de mais de comprimento e meio.

Como pode suppor-se esta victoria causou um grande e justo entusiasmo, pois *Gardefeu* apesar de não ser favorito tinha comtudo a confiança de todos os sportmens e Mr de Bremont seu proprietario é um dos membros mais sympathicos da sociedade franceza. N'esta corrida GARDEFEU ganhou perto de duzentos mil francos.



Roi-Soleil.

Gardefeu.

Vencedor do Derby de Chantilly.

Dax.



« Marise » vencedor do Steeple-Chase de Auteuil

O GRANDE STEEPLE-CHASE DE AUTEUIL

O favorito do grande steeple de Auteuil era *Ardent II* um pequeno cavallo, admiravel saltador e de uma velocidade pasmosa, pertencente ao Snr Barão Finot. Em varias corridas anteriores e principalmente no premio do Presidente da Republica, mostrara qualidades excepcionaes que o collocavam em primeiro logar para disputar o premio do *steeple-chase*.

Afora este saltador citava-se como vencedores provaveis *Marise* uma poldra habituada aos grandes percursos, cuja grande folego era decerto uma vantagem no longo trajecto de cerca de 6.200 metros que comporta este premio; e *Le Lys* pertencente tambem ao Barão Finot e vencedor de varios *steeple-chase*.

Dos tres concorrentes inglezes quasi nem se fallava e a corrida que fizeram mostrou mais uma vez a inferioridade, cada anno mais manifesta, das caudelarias britannicas.

Logo aos primeiros obstaculos, dois d'elles cahiram por terra e o terceiro ficou no fim da corrida n'um logar de extremo outsider.

Le Lys caiu tambem no salto da ribeira e a partir d'esse momento a corrida resumiu-se n'uma lucta entre *Ardent II* e *Marise*.

Na ultima volta, já perto das tribunas, *Ardent II* que parecia fatigado negou-se ao obstaculo, perdendo assim a posição de vencedor que parecia caber-lhe sem discussão e *Marise* ganhou facilmente por alguns metros.

A concorrência no hypodromo de Auteuil fôra extraordinaria e o triumpho de *Marise* muito applaudido embora o publico tivesse gostado mais da victoria de *Ardent II*.

O GRANDE PREMIO DE LONGCHAMPS

Como sempre esta celebre corrida fechou com chave de ouro a grande semana esportiva. A concorrência foi

ainda mais extraordinaria que nos annos anteriores; o accrescimo das entradas foi de mais de duzentas mil pessôas.

O grande favorito *Roi-Soleil* que pertence ao Barão de Rothschild foi o vencedor do grande premio.

Gardeseu, que a sua victoria de Chantilly parecia indicar como o mais serio concorrente de *Roi-Soleil*, chegou segundo e o melhor dos cavallos inglezes alcançou apenas o setimo logar.

É para considerar que *Gardeseu* tendo já vencido em Chantilly tinha poucas probabilidades de vencer em Longchamps, pois ha mais de vinte annos não ha exemplo de que um cavallo tenha ganho no mesmo anno estes dois grandes premios.

O *entraînement* que exige o primeiro concurso é demais fatigante para que: ao fim de uma semana, o cavallo que a elle foi submetido possa de novo apresentar-se sobre o hypodromo.



Roi-Soleil, vencedor do « Grand Prix » de Paris.

A victoria de *Roi-Soleil* muito aclamada pelo publico de Longchamps não foi menos festejada pelos pobres de Paris a quem o Barão de Rothschild fez distribuir os 250.000 francos do premio ganho pelo seu cavallo.

S. MARCELLO.

A vida intima do Khediva

DE Alexandria a Sidi-Djaber de um e outro lado, só se descobrem bellas habitações, elegantes *chalets*, *kiosques* de construcção recente no meio de jardins onde rapidamente crescem os eucalyptos. De Sidi-Djaber, um caminho de ferro de poucos wagons vae partir para Aboukir. Momentos depois já em marcha atravessa-se dunas seculares, aonde aqui e ali apparecem oasis formados de gigantescas palmeiras de pé magestosamente, sobre um solo arenoso, com alguma cousa de melancolia na sua estructura. Emfim o caminho de ferro pára, depois de ter passado as estações de Ramleh, n'uma gare elegante e limpa. O trajecto, durou trez quartos de hora. É aqui, n'estes sitios isolados e sadios que fica Montazah aonde o Khediva Habbas Hilmy Pacha passa uma grande parte do anno.

Montazah é uma propriedade immensa que ha uns sete ou oito annos era completamente arida e formada de pequenas dunas. Mas actualmente a sua rapida transformação é já bastante visivel e o trabalho humano tem já feito prodigios. A dois passos da estação fica a entrada da propriedade aonde um humilde *chauch* recebe saudando os visitantes que são por assim dizer quasi todos conhecidas visitas : funcionarios superiores, pachas, *hodjas*, *mahalis*, e outros personagens addidos á casa do Khediva.

À entrada, abre-se deante do visitante uma larga rua ladeada de arbustos e de postes servindo para a illuminação electrica e transmissão dos fios telephonicos que ligam entre si todas as dependencias de Montazah. D'esta rua outras partem em todas as direcções. Ao fundo vêm-se dois edificios, sobre o planalto, separados apenas por algumas centenas de metros. Sobre os originaes torreões d'estes edificios fluctua o pavilhão khedival annunciando a presença do soberano.

O edificio da esquerda, que é o maior e que se chama Haremlik é reservado ás mulheres. O da direita é reservado aos homens. Um simples golpe de vista basta para

mostrar o que é Montazah e o visitante que aqui vem pela primeira vez, tem talvez razão de perguntar a si proprio se o khediva habita realmente aqui. Porque tudo é simples e modesto, o que sem duvida faz grande honra a S. A. Habbas Pacha quando se pensa na reputação dos principes de Oriente cujo luxo insensato é proverbial. Quem visitou o Egypto no reinado do falecido Ismaíl Pacha ficará decerto admirado de já não ver esse luxo faustoso, que tão caro custou ao paiz, mas

que podia rivalisar com os contos das *Mil e uma noites*. O edificio destinado ao khediva e que se chama *sélamlik* tem apenas oito quartos e nem sequer tem sala de jantar. Isto é para fazer córar o *daïra* d'un velho pacha. É verdade que uma immensa varanda sobre um terrasso de uma superficie de diversas dezenas de metros, cercando por trez lados o *sélamlik*, pode vantajosamente servir de sala de jantar. D'ahi descobre-se um dos mais bellos panoramas da costa egypcia. A terra avança para o mar como um crescente que um grande dique corta, formando um porto seguro. Ahi, ancorado, está o yacht particular do Khediva, o *Jéfai Baher*, de linhas esveltas e finas. Na base do dique existe uma ilha ligada ao continente por uma ponte de ferro.

O mar estende-se, largo, até ao horizonte e ao longe avista-se, a este, os moinhos de vento de Aboukir e a oeste o pharol de Alexandria. Em dias de mar agitado, as vagas expumantes e majestosas vêm sem cessar quebrar-se na praia. Contra o dique o arremeçar das aguas forma verdadeiras cascatas, sem por isso inquietar *Jéfai Baher*. Nenhum outro ruido virá perturbar a solidão tão invejavel d'estas paragens banhadas de sol, cheias da eloquencia de outr'ora... sob a cupula do firmamento sempre azul. Ninguem virá interromper o cogitar, a meditação d'aquelle que invocar atravez dos seculos as recordações historicas das gerações passadas, que esta velha e antiga terra de Pharaós viu nascer e morrer.



S. A. Habbas Pacha Khediva do Egypto.

* * *

S. A. o Khediva Habbas Pacha levanta-se muito cedo mas só sae do *haremlík* ás nove ou dez horas da manhã. Elle proprio guia a parelha de poneys que puxam o pe-



A Mãe do Kediva.

queno carro em que vem ao *sélamlík* d'onde minutos depois parte quasi sempre acompanhado de uma pessoa da sua cõrte que varia todos os dias para que honra caiba a todos. Nenhum cerimoniaal é feito á chegada nem á salida da khediva. Apenas o mestre das cerimoniaas, o ajudante de campo e alguns camaristas se agrupam á porta do *se-lamlík*.

O Khediva faz depois toda a inspecção de Montazah e nenhum detalhe escapa ao olhar do senhor. Habbas Pacha interessa-se a tudo e é natural que esteja ao corrente de tudo o que se passa em Montazah. Como gosta muito da agricultura sabe quantos operarios estão occupados durante o dia e que trabalhos fazem, o que muitas vezes um simples administrador ou director de *daíra* pode, sem inconveniente ignorar. O Khediva falla frequentemente com os operarios e depois da visita aos trabalhos agricolas, passa successi-

vamente em revista os edificios do dominio, cocheiras, telheiros, casa das machinas, moagens, depositos das locomotivas, pharmacias e finalmente *Eusbé*.

Eusbé é uma pequena aldeia, muito recente, cuja população é estritamente composta pelos operarios que trabalham em Montazah. Cada um possui gratuitamente uma casa para habitar com sua familia. *Eusbé* possui uma mesquita, uma escola e um pateo enorme destinado ao recreio das creanças.

Este passeio d'inspecção absorve uma ou duas horas e dura geralmente até ao meio-dia. N'este momento a mesa já está posta no terrasso. O Khediva, de volta ao *sélamlík*, põe-se logo á mesa com o mestre das cerimoniaas, os officiaes da sua casa militar, o doutor e os estrangeiros se os ha.

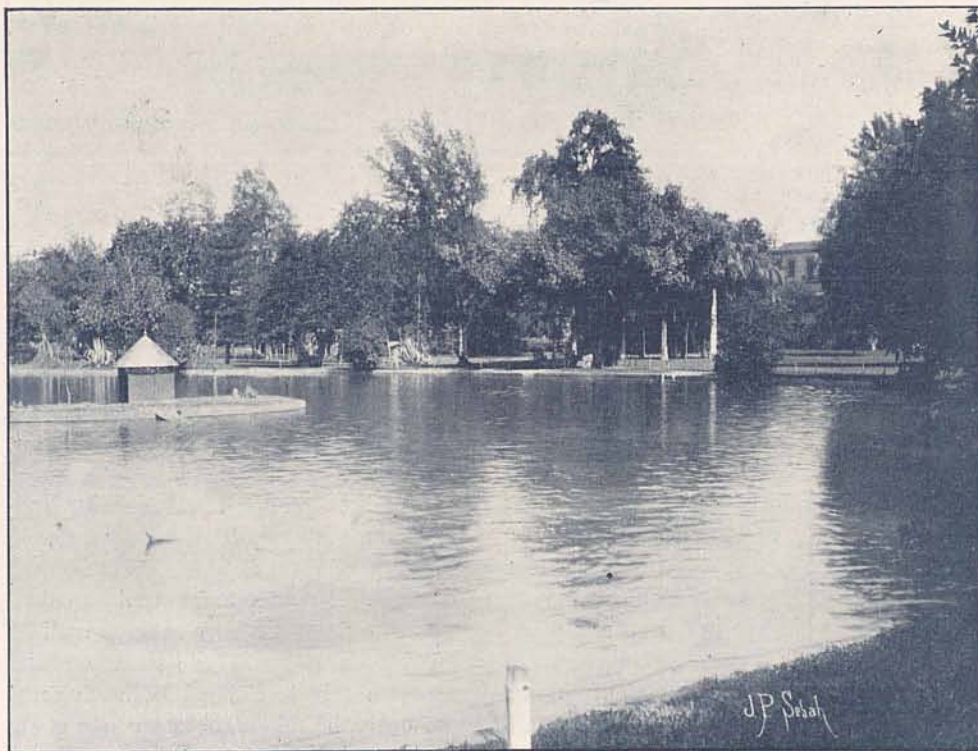
A mesa é servida simplesmente e os pratos meio, francezes meio turcos, são muito bons. São em numero de oito, sem fallar é claro do pilaf tradicional. Os *Barbarios* negros servem á mesa. Estes homens têm um dom especial para tal serviço e podem sem exagero rivalisar com os *maitres d'hôtels* europeos. Por isso são muito procurados nos grandes hoteis do Cairo. O Khediva não bebe nem vinho nem outra bebida alcoolica e não gosta que as pessoas da sua cõrte façam frequente uso d'esses liquidos. Tambem não fuma.

Á mesa, como em toda parte, é de uma extrema bondade, discorrendo e rindo muito. Ninguem pois faz cerimonia em sua presença. Por vezes familiarmente, conta os incidentes da visita que acaba de fazer e ninguem melhor do que elle o pode fazer, pois é quem está mais ao facto da chronica de Montazah aonde, como já dissemos, dirige e fiscalisa todos os trabalhos. Foi elle igualmente o architecto de todas as construcções do dominio mesmo de *Sélamlík* e *Haremlík*.

Depois do almoço o Khediva entra n'um pequeno quarto cuja porta abre sobre o terrasso e ali conversa com os



O « fumoir » do Khediva, no seu palacio de inverno no Cairo.



O Parque e o Lago em Montazal.

visitantes até ás duas horas, momento em que estes se despedem e partem para a cidade. Então Abbas Pacha recomeça a segunda e ultima excursão do dia para se assegurar da execução das suas ordens dadas pela manhã. Às vezes este passeio prolonga-se até á noite, quando atravessando a linha ferrea o Khediva vae dirigir os trabalhos de irrigação. Em resumo pode-se dizer que a vida do Khediva, tão calma quão invejavel faria o ideal de um grande proprietario agricola.

Os dias em Montazal parecem-se todos. Comtudo duas vezes por semana o Khediva vae a *Ras-el-Tim* e todos os quinze dias a *Edfina* ou a outros dominios. Tambem não é raro vel-o partir para Coubbé, residencia invernal nas proximidades do Cairo e isto apezar de um calor torrido. No Cairo, durante o inverno a sua existencia é pouco mais ou menos a mesma. Ao sol posto o Khediva volta de novo ao *Sélamlík* e, como o seu fato está naturalmente cheio de poeira, muda-o para um casaco branco e uma calça clara. Ao crepusculo senta-se de novo á mesa para jantar com os mesmos convivas, na varanda illuminada por duas lampadas. Durante o jantar nota-se-lhe o mesmo bom humor que teve ao almoço. Em seguida occupa-se dos negocios do estado que lhe tomam pouco tempo pois o mais difficil é resolvido em conselho de Ministros ao qual elle assiste, no palacio de *Ras-el-Tim*. Depois ou retira-se ao Haremlík, ou toca piano durante algum tempo. O Khediva é um musico muito distincto que já compoz varios trechos musicaes e principalmente algumas marchas militares. Nas sextas-feiras, quando vae fazer as suas orações á mesquita de Raneleh situada a quatro kilometros de Montazal ou presidir o conselho de ministros no palacio de Alexandria, parte n'um wagão-locomotiva em que elle proprio desempenha

as funções de mecanico e os mecanicos de profissão admiram a sua habilidade e sciencia.

Nas viagens por mar a Port-Saïd a este de Lefai-Boher ou quando de Mahroussa vae a Constantinopla, a Triesti, etc., faz constantemente, sobre o convez, o quarto de commandante e dirige o seu vapor com a pericia do mais habil official de marinha, pois nada ignora do que diz respeito a navegação. Habbas Pacha tem um verdadeiro prazer n'estas occupações uteis e instructivas que denotam uma intelligencia superior.

S. A. o Khediva Habbas Pacha tendo feito os seus estudos na Europa falla correntemente, alem do arabe e turco, o francez, o inglez e o allemão. Durante as

recepções officiaes não deixa de dizer um palavra amavel na lingua natal de cada um.

É de media estatura e goza de perfeita saude. De physionomia sympathica o seu olhar meditativo e sonhador indica comtudo uma vontade inabalavel. A sua alma democratica espelha-se e realça o seu rosto cheio de franqueza e lealdade. As linhas que seguem mostrarão claramente e melhor que qualquer descripção o seu estado de alma.

Um dia, ha 3 annos, tive a honra de fazer parte dos convidados a um almoço de Monstroud, grande herdade situada perto de Motarieh nos arrabaldes do Cairo. A conversação rolava sobre as formas de governo.

O Khediva que presidia disse então: « Ha muito que penso no melhor regimen governamental para todos os povos. Tendo em consideração a fraqueza humana e penetrando-me em d'este principio, que um homem embora de genio pode estar sujeito a erros, cheguei á convicção que é necessario que uma lei exista fixando os direitos e deveres de cada um. »

A herdade de Monstroud pertencera anteriormente a um eunuco. O Khediva mostrando do gesto o *Kiosque* que se erguia ao centro do dominio ajuntou:

Eis um *Kiosque* que foi construido por *fellahs* pobres para o capricho d'um eunuco que só os recompensou á chicotada. O que esse fez pela tyrania, não pôde um soberano realisal-o senão com grandes sacrificios, porque é obrigado de calcular os seus proprios recursos antes de fazer construir palacios.

Este modo de raciocinar prova a alta intelligencia e o bom coração de S. A. Khediva cujo vida modesta procuramos retracar n'este rapido artigo.

MIGUEL DE LENCASTRE.

MATHIEU-DEROCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos *Comités* d'admissão da Exposição de 1900.

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE **MONKEY BRAND**

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

Renova completamente dando o lustro primitivo

O SABONETE **MONKEY BRAND** FABRICADO POR **BROOKE'S**

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

MABY & C^o
Successores de RENIER frères

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA

MABY & C^o

ANTUERPIA

38, Rue du Quai

38, Rue du Quai



J. COSTA & C^o

BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

(PRÈS DE LA RUE ROYALE)

PARIS

TÉLÉPHONE

ESPINGARDAS DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1^a qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sêllos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
da casa Guinard



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes*, contra o *zono (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da fadiga, do *trabalho á sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depositos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provençe, Pariz.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata carnavalesca</i>	2
GALLÉOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i>	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. FREDEGONDE , Aria do bailado n ^o 1.	1
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas.	1 70
LACOME (P.). <i>Berceuse</i>	1 35
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i>	1 35
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella	1 70
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado	2
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka	2
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses de KERMARIA</i>	1 70
— <i>Musette et binou</i>	1 35
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa	2
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero	1 35
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i>	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO | 1889. FORA DE CONCURSO

A MAIS ALTA RECOMPENSA
DADA AOS ADUBOS

MEMBRO DO JURY
DE RECOMPENSAS

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Sêde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafézeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.
— caçoeiro, id. — 0 fr. 60 a 0,70, id.
— canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA
EM PARIZ E EM BORDEAUX

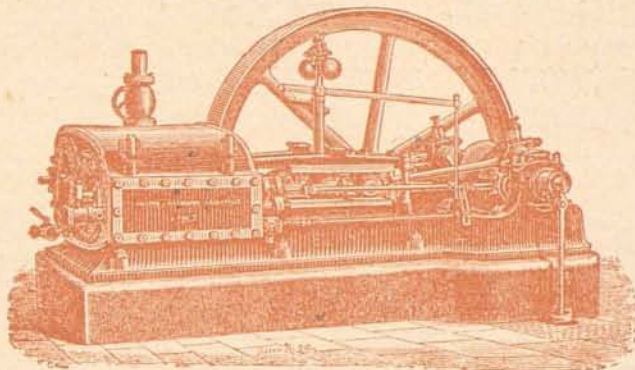
Dirigir-se aos Administradores da Sociedade:

39, rua des Allamandiers (BORDEAUX).
15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000\$000
Fundos de reserva : 1.036:653\$758

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpho e Monsenhor Andrade.



FABRICAÇÃO EXCLUSIVA DAS SEGUINTE
MACHINAS PRIVIL GIADAS :

Seccador de café : AUGUSTO RAMOS.
Descascador de café : EUGELBERG SIBILIANO.
Despolpador de café : MECANICA
Separador de arma : AVIGNON.
Catador de café : MANFREDI.
Batedor mechanico para refinação de assucar : HENZI.

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas, telhas de zinco, arame farpado e liso, phosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a este ramo.

Agentes dos afamados fabricantes de vapores **ROBEY et C^o L^d**, **RICHARD HONRSBY et SONS L^d** (Inglaterra)

AGENTES DE OUTRAS FABRICAS DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

Escriptorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escriptorio Central : Rua 15 de Novembro, n^o 36

SÃO PAULO

CAVALLOS E CARROS DE LUXO

TÉLÉPHONE
N^o 51355

DEMARS

TÉLÉPHONE
N^o 51355

27, Rua Cardinet, 27

PARIS

Recebe-se animaes
em pensão



27, Rua Cardinet, 27

PARIS

Recebe-se animaes
em pensão

EQUIPAGENS DE LUXO PARA PASSEIOS E SOIRÉES

Alugueis de carros particulares por dia e por mez

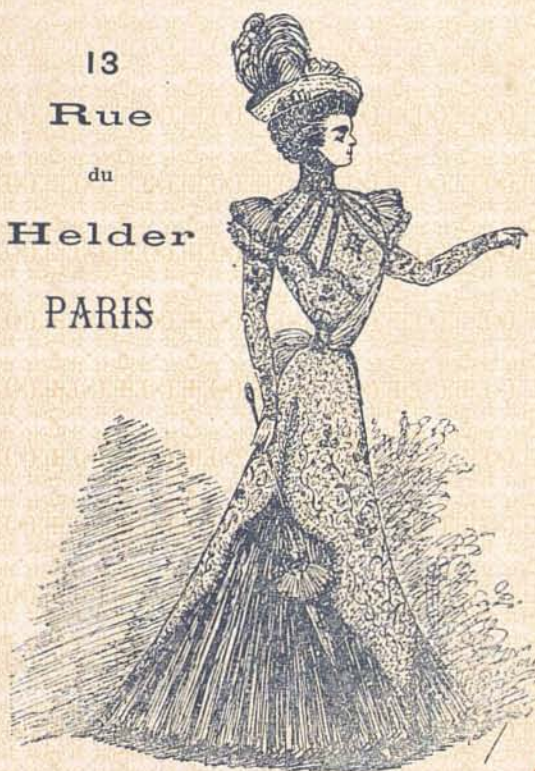
SERVIÇO E MATERIAL DE PRIMEIRA ORDEM — PREÇOS MODERADOS

Vestidos e Enxovaes

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13
Rue
du
Helder
PARIS



13
Rue
du
Helder
PARIS

Creadora, *breveté*, dos
bellissimos vestidos com
flores pintadas; o maior
sucesso das toilettes no
Grande Prix de 1898



Sylvie e Jeanne BOUÉ

VESTIDOS

de lã forrados
de seda para passeios
e visitas por preços
moderados



Pelerines e Collets

simples et luxuosos



Toilettes para Bailes e Recepções

de uma elegancia
completa e acabadas com todo o esmero



Contramestra inexcédível

sahindo de uma das principaes casas da Rue de la Paix.
Bellos salões de exposição e para provar.

MODELOS INEDITOS



Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13, Rue du Helder, 13 — PARIS